



ANTHONY BEUX TESSARI
Org.

CIDADE E INDÚSTRIA EM FOCO

CAXIAS DO SUL PELAS LENTES
DA MICHELIN FILMES (1960-1980)





CIDADE E INDÚSTRIA EM FOCO:

Caxias do Sul pelas lentes da Michelin Filmes (1960-1980)

PRODUÇÃO:



UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

INSTITUTO MEMÓRIA
HISTÓRICA E CULTURAL



PREFEITURA
DE CAXIAS DO SUL

REALIZAÇÃO:



LEI
PAULO
GUSTAVO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



**Fundação Universidade
de Caxias do Sul**

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

*Pró-Reitor de Pesquisa
e Pós-Graduação:*
Everaldo Cescon

Pró-Reitor de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Jaqueline Stefani
Karen Mello de Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise
Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza
Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra
Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa
Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinar de
Derechos Fundamentales*
Praeeminentia Iustitia
Peru

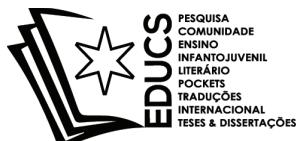
Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata
Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe
Brasil

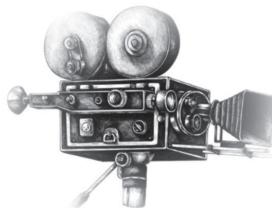
Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro
Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology
Suécia

Tristan McCowan
University of London
Inglaterra



Anthony Beux Tessari
[org.]



CIDADE E INDÚSTRIA EM FOCO:
Caxias do Sul pelas lentes da Michelin Filmes
(1960-1980)



© do organizador

1ª edição: 2025

Revisão: Gimerson Ferreira Alves

Capa: Anthony Beux Tessari e Dirce Perini

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Dirce Perini/Traço Diferencial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

C568 Cidade e indústria em foco [recurso eletrônico] :
Caxias do Sul pelas lentes da Michelin Filmes
(1960-1980) / org. Anthony Beux Tessari. – Caxias do Sul,
RS: Educs, 2025.

Dados eletrônicos (1 arquivo)

Apresenta bibliografia.

ISBN 978-65-5807-433-5

1. Cinematografia – Caxias do Sul (RS). 2. Michelin Filmes (Firma) – História. 3. Patrimônio cultural – Caxias do Sul (RS). 4. Indústria – Caxias do Sul (RS) – História. 5. Caxias do Sul (RS) – História. I. Tessari, Anthony Beux.

CDU 2. ed.: 791.622(816.5CAXIAS DO SUL)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1. Cinematografia – Caxias do Sul (RS) | 791.622(816.5CAXIAS DO SUL) |
| 2. Michelin Filmes (Firma) – História | 791.631(091) |
| 3. Patrimônio cultural – Caxias do Sul (RS) | 008(816.5CAXIAS DO SUL) |
| 4. Indústria – Caxias do Sul (RS) – História | 67(816.5CAXIAS DO SUL)(091) |
| 5. Caxias do Sul (RS) – História | 94(816.5 CAXIAS DO SUL) |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária

Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197

Home page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



EDITORA AFILIADA

SUMÁRIO

Apresentação / 7

1 Conheça a cidade / 19

Silvana Boone

2 O patrimônio industrial de Caxias do Sul na narrativa audiovisual da Festa da Uva de 1969 / 31

Daniela Pistorello

3 “Que faz o filho, que faz a civilização, progresso e alegria”: o centenário da imigração italiana sob a ótica ufanista edênica da Michelin Filmes / 41

Geovana Erlo

4 Metalúrgica Abramo Eberle em movimento: imagens da fábrica em cinco filmes / 55

Anthony Beux Tessari

5 Patrimônio industrial: registros em filme do processo industrial na fabricação de carrocerias de ônibus / 85

Ana Paula de Almeida

6 Comemorações e comoção em Caxias do Sul nos anos 70: uma celebração à cultura, ao trabalho e à comunidade pelas lentes de Nazareno Michelin / 107

Mariana Duarte

Sobre os autores / 119

Registros / 123



APRESENTAÇÃO

Cidade e indústria em foco: preservação e acesso ao acervo audiovisual da Michelin Filmes

Este livro é fruto de um projeto cultural executado pelo Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), e é realizado por meio da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul com recursos da Lei Paulo Gustavo, instituída pelo Governo Federal.

O projeto *Cidade e Indústria em Foco: preservação e acesso ao acervo audiovisual da Michelin Filmes*, teve como objetivo principal a digitalização e a difusão do acervo filmico da antiga produtora caxiense Michelin Filmes, atuante a partir da década de 1950. Esse é um dos acervos fílmicos históricos mais significativos sobre a região da Serra Gaúcha, um dos mais ricos em diversidade de assuntos, de suportes e de equipamentos de época, e um dos mais bem conservados do estado do Rio Grande do Sul.

O acervo da antiga produtora pertence atualmente à UCS. A família do fundador da Michelin Filmes formalizou a doação do seu acervo em 2008, após o falecimento do produtor audiovisual Nazareno José Michelin. A UCS, além

de fazer a guarda e a preservação dos itens doados, tem direitos de uso sobre o material, agora disponível para acesso do público e de pesquisadores.

A produtora teve grande destaque regional, produzindo milhares de imagens em movimento que retratam cerca de 50 municípios do estado do RS. No recorte deste projeto, foram selecionados 50 títulos de filmes para serem digitalizados, relacionados à cidade de Caxias do Sul e à sua indústria, temas que são recorrentes no acervo.

Além da digitalização dos filmes, o projeto também se propôs à publicação deste livro, trazendo olhares de pesquisadoras sobre a história da cidade e de seu significativo patrimônio industrial. Ainda, foram executadas ações educativas, com visitas-mediadas e oficinas com o acervo, e a exibição dos filmes para o público em sessões comentadas.

Michelin Filmes

Nazareno José Michelin (1931-2007), natural do município de São Marcos (RS), foi um produtor audiovisual estabelecido em Caxias do Sul, fundador da Michelin Filmes.

O interesse de Nazareno Michelin pelo cinema surgiu quando ele adquiriu alguns filmes em película de 8mm, de gênero infantil, para exibi-los a seus filhos. Em seguida, adquiriu uma câmera em 16mm, e treinou sozinho fazendo as suas primeiras filmagens. A cada cena capturada, anotava manualmente informações sobre a configuração da câmera, como a abertura de diafragma utilizada. Após revelar os filmes e visualizar as imagens, concluía sobre as melhores escolhas, assim aprimorando a sua técnica. Uma película de meados dos anos de 1950, hoje no acervo do IMHC, traz um retalho de várias dessas filmagens iniciais do produtor, com algumas cenas fora de foco, tremidas, com erros de super e subexposição ou em contraluzes. Ao mesmo tempo,

se observam muitos acertos, com imagens bem iluminadas e adequadamente enquadradas. Essas se constituem nas filmagens mais antigas sobre a cidade feitas pelo produtor.

Nazareno também buscou conhecimento no Rio de Janeiro, tendo feito uma espécie de estágio de oito dias no estúdio do famoso produtor Herbert Richers – até hoje conhecido pelo bordão “versão brasileira...” que se escuta no início das produções dubladas para TV e cinema. Do estúdio carioca, Nazareno trouxe de presente uma câmera Arriflex 35mm, equipamento com o qual produziu as suas primeiras películas profissionais: reportagens para a TV Piratini – Canal 5, de Porto Alegre.

Iniciou as suas atividades na emissora da capital gaúcha em 3 de janeiro de 1960, atuando como repórter cinematográfico correspondente em todo interior do estado. Atuou nessa função para a TV Piratini até março de 1967, tendo produzido quase 4 mil reportagens para os noticiários exibidos a partir da capital.

Com sua saída da TV Piratini, passou a se dedicar à execução de filmes-reportagem, documentários para indústria, filmes técnicos, promocionais, de treinamento e educativos.

Em 1969, a Michelin Filmes foi contratada pela TV Caxias – Canal 8–, da cidade de Caxias do Sul, para produzir imagens para os noticiários da emissora. Realizou cerca de 2 mil reportagens para os programas do canal, encerrando o seu contrato em 1972. A partir da data, passou a intensificar a produção de filmes-reportagem próprios, como o Jornal na Tela, bem como documentários sobre cidades, festividades e empresas. Muitos dos títulos produzidos tinham exibição em sessões de cinema, antes do início de produções (longas-metragens) nacionais ou estrangeiras.

Na produtora, entre os anos de 1960 e 1980, atuaram muitos ajudantes, iluminadores, sonoplastas e cinegrafistas,

que aparecem creditados nas produções, tais como (em ordem alfabética): Celso Scola, Cesar Kramer, Daniel Czamanski, Dino Britto, Leonel de Castilhos, Luiz Bampi, Luiz Pistorello, Moacir Perini, Nestor Michelin, Sérgio Benincá, Valdir Peres e William Bueno. Pela redação, nomes como os de Assis Mariani e Jimmy Rodrigues são destaque; na narração, as menções são a Cícero Ramos, José Assis, Luiz Carlos de Lucena, Oswaldo Calfat e Willian Mendonça.

Nazareno Michelin continuou a sua produção no período de substituição da tecnologia da película plástica para a fita magnética, ou formato VHS. Um de seus últimos trabalhos foi um documentário sobre a cidade de Caxias do Sul – “Da Mata Virgem à Metrópole Industrial” –, realizado entre 2002 e 2005, quando completou 45 anos de atuação no ramo cinematográfico. A produção é uma espécie de enaltecimento e homenagem à cidade que o acolheu. O produtor faleceu em 2007, deixando para a cidade e região um legado visual que hoje se constitui uma fonte para o conhecimento histórico.

Constituição do acervo na UCS

O acervo do IMHC da UCS guarda preciosidades sobre a história da região. Surgido com essa denominação em 1991, o IMHC é oriundo do extinto Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas (Isbiep), surgido em 1974. Em 1975, a cidade celebrava o centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, e a Universidade, por meio desse Instituto e de outros projetos e ações, envolveu-se nos festejos daquela efeméride: por exemplo, a realização do I Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, que se tornou evento tradicional nesse campo de pesquisa.

No mesmo ano do surgimento do Isbiep, foi criado na UCS o Projeto Ecirs, àquele tempo denominado Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas – mais tarde,

rebatizado para Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do RS. O Ecirs foi um projeto aglutinador de pesquisadores interessados no estudo do fenômeno migratório de italianos para o Brasil, com ênfase nos elementos culturais trazidos e transformados em terras brasileiras, e por meio de procedimentos de pesquisa etnográfica. A partir do trabalho de campo empreendido, acervos passaram a ser gerados, como são exemplos o acervo de entrevistas orais gravadas em áudio, o de fotografia, o de videografia, o de canções registradas, transcritas, traduzidas e pautadas, entre outros itens documentais.

Na mesma linha de preservação de acervos e de produção de conhecimento sobre a região, entre 2007 e 2008 foi originado o Programa Iris – Investigação e Resgate da Imagem e Som, com objetivo definido em sua própria denominação. Desde sua origem, é o que o programa realiza, e duas ações se destacam em sua trajetória institucional: o recebimento do acervo da antiga produtora Michelin Filmes e o atual projeto de digitalização e disponibilização do conteúdo dos filmes.

A doação do acervo foi o ato fundante do Programa Iris, e foi formalizada em 2008 pela viúva do produtor, Neusa Ioppi Michelin. Ao final da vida, Nazareno Michelin manifestava o desejo de que seu acervo fosse doado à Universidade, para que os estudantes dos diferentes cursos da instituição pudessem conhecer a história da produção audiovisual e da cidade. Seu desejo foi realizado: um conjunto de cerca de 200 títulos de filmes, em suportes de 16mm e de 35mm hoje compõem o acervo, além de diversos itens relacionados à produção fílmica, como câmeras, projetores, tripés, *splicers* e coladeiras, itens de iluminação de estúdio, 300 discos de vinil (utilizados na trilha sonora dos filmes) e documentação anexa (*scripts*, roteiros, decupagens, contratos de serviço, fichas de censura, manuais, anotações).

Os filmes digitalizados

No âmbito do projeto “Cidade e Indústria em Foco”, executado pelo IMHC da UCS, um conjunto de 50 filmes do acervo foi digitalizado. Alguns destaques são:

- Documentários da Festa da Uva, edições de 1965, 1969, 1972, 1975, 1978 e 1984;
- Documentário sobre a construção dos pavilhões da Festa da Uva, inaugurado em 1975;
- Documentário sobre a construção e inauguração da Réplica de Caxias do Sul, datado de 1978;
- Documentários sobre o primeiro e o segundo Salão Sobre Rodas, evento de exposição das novidades no ramo automotivo no Brasil, contendo, por exemplo, o lançamento do Miúra (carro de produção gaúcha), do Chevette, de caminhões, carretas, ônibus e motorhomes, com destaque para empresas como Randon, Marcopolo e Agrale;
- Filmes-reportagens sobre a UCS, como a sua solene instalação em 1967, em cerimônia no Cine Teatro Ópera, além de aulas no Campus 2 (sediado no prédio do antigo Colégio Sacré-Coeur de Marie), em 1970, e o primeiro comercial para televisão da instituição;
- Filmes-reportagens sobre a cidade, com cenas que mostram construções, inaugurações e atividades diversas, tais como: o Mercado Público Municipal, o Monumento Nacional ao Imigrante, abertura e melhoramentos em ruas e praças, construção de pontes e viadutos, dias de

- neve, jogos de futebol do Caxias e do Juventude, entre muitos outros;
- Filme-reportagem sobre o Centenário da Imigração Italiana no RS;
 - Documentários e filmes-reportagens que exibem visitas de presidentes a Caxias do Sul e de outras autoridades federais, estaduais e municipais, políticas ou religiosas;
 - Documentários e filmes-reportagens sobre diversas empresas da cidade e comerciais de lojas para televisão.

Todo o conteúdo pode ser assistido por meio do endereço disponível abaixo.



Acesse a página do projeto e
assista os filmes digitalizados.

<https://sites.google.com/view/cidade-industria>

Cidade e indústria em foco

Do conjunto de filmes digitalizados, doze títulos foram selecionados para servir a análises críticas de especialistas convidados: Ana Paula Almeida, Daniela Pistorello, Geovana Erlo, Mariana Duarte, Silvana Boone e Anthony Beux Tessari, organizador da obra.

A professora e pesquisadora da UCS Silvana Boone (doutora em História, Teoria e Crítica em Artes Visuais pela UFRGS) ficou responsável por analisar o documentário “Conheça a Cidade”, de 1972. Em seu texto, a autora evidencia o caráter publicitário da produção, destinada à atração turística. Observa como as imagens e o texto de locução procuram destacar as belezas naturais, o desenvolvimento industrial, a gastronomia e a hospitalidade dos caxienses, que são conhecidos por um casal de atores em visita à cidade. Locais como o Monumento Nacional ao Imigrante, a Igreja de São Pelegrino e o Varejo Eberle surgem como símbolos da cidade e o que de melhor se poderia desfrutar em Caxias do Sul. A estética da produção é avaliada pela autora, que também estabelece relações com o tempo presente, comparando mudanças ocorridas nos últimos cinquenta anos – seja naquilo que o filme mostra ou na forma de se produzir e consumir cinema.

O segundo capítulo é assinado por Daniela Pistorello (doutora em História pela Unicamp e professora na UNESC). A autora selecionou o documentário “Festa da Uva de 1969”, o primeiro sobre a festividade feito em cores pela Michelin Filmes. Após uma contextualização acerca da história da festa, que demonstra ser a mais expressiva da cidade e uma das maiores do Brasil, a historiadora faz considerações sobre as relações que o documentário permite pensar a respeito da Ditadura Militar, período em que foi produzido e exibido. Ainda, observa a presença de um discurso que pretende elevar a cidade de Caxias do Sul como “metrópole industrial”,

e transformada a partir da contribuição do imigrante italiano. Demonstrando em cenas alguns momentos importantes do documentário, em sua análise a autora destaca outros valores que transparecem no vídeo, como a ênfase da produção em mostrar a materialidade do “desenvolvimento” e do “progresso”, como a uva e carrocerias de caminhão. O capítulo encerra trazendo questões que permitem perceber a potência do documentário para se pensar questões relacionadas ao campo de estudos do patrimônio industrial.

O terceiro texto aborda dois títulos de filmes: “Caxias do Século II” (1975) e “Construção da Réplica de Caxias do Sul – 1885” (1978). No texto, a historiadora e museóloga Geovana Erlo (com mestrado pela UFRGS) relaciona as duas produções em seus pontos mais comuns, principalmente quanto à valorização do imigrante italiano como fator determinante para o “progresso” da região. Como observa a autora, um evidente triunfalismo (e ufanismo) da imigração italiana marca os dois documentários, que enfatizam aspectos culturais, da fé e do trabalho dos imigrantes em sua “epopeia” na construção da “civilização”. A autora extrai imagens e textos de partes dos filmes para exemplificar a presença desse discurso, e demonstra a intenção de elaboração de uma determinada memória em torno do tema da imigração italiana no RS quando do auge das comemorações do centenário da efeméride.

O quarto capítulo é assinado pelo organizador desta obra, Anthony Beux Tessari (professor na UCS, mestre em história pela PUCRS e doutorando em História pela Unicamp). No texto, são apresentados e analisados cinco filmes da Metalúrgica Abramo Eberle produzidos nas décadas de 1960 e 1970, sendo: “Indústria em foco na TV: Metalúrgica Eberle S/A em Caxias do Sul” (1963/1964), “Construção da Fábrica 3” (1974), “Jubileu de Ouro de Américo Garbin” (1972), “Jubileu de Ouro de Honório Marotto” (1973), e “Jubileu de

Ouro de Henrique Maggi' (1974). Discorre-se sobre a história da fábrica e dá-se atenção a cenas de cada produção para destacar elementos que compõem sua trajetória. A análise é complementada com outras fontes históricas, proporcionando uma discussão sobre aquilo que os filmes não mostram. Também é observado o circuito social dos filmes, apontando para a dinâmica de sua produção, circulação e consumo, além de se pensar em seus usos e funções para a fábrica e para a sociedade.

Dois filmes da Marcopolo, hoje considerada a maior fabricante de carrocerias de ônibus da América Latina, são tema da historiadora Ana Paula de Almeida (mestre e doutoranda em História pela UCS e responsável pelo Espaço Memória Marcopolo). Da empresa, a autora aborda os títulos "Marcopolo – Construindo o Progresso" e "Marcopolo – O Ônibus Brasileiro", e traz uma síntese sobre cada produção, descrevendo e analisando cenas que pretendem mostrar o processo industrial e a organização da fábrica. Entre tantas imagens que os filmes mostram, dá enfoque aos trabalhadores, trazendo à discussão como é possível construir conhecimento sobre as relações sociais no mundo do trabalho.

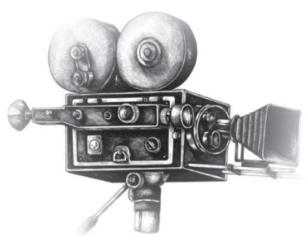
A obra se encerra com o capítulo da pesquisadora Mariana Duarte (historiadora de formação e Doutora em Letras pela UCS), que selecionou o filme-reportagem "Jornal na Tela – Sul em Foco n. 107" para a sua análise. A produção traz uma série de assuntos relacionados à cidade, como as festividades pelo chamado "Dia do Trabalho", em 1º de maio de 1971, com homenagens e show que reuniu artistas conhecidos nacionalmente, como Teixeirinha, Jair Rodrigues, Grande Otelo e Cláudio Cavalcanti, além da presença do Ministro do Trabalho. A autora observa sobre o papel de Caxias do Sul no cenário nacional naquele contexto. Outros destaques são as imagens dos "melhoramentos urbanos", como a inauguração da nova iluminação junto ao largo da Igreja de São Pelegrino,

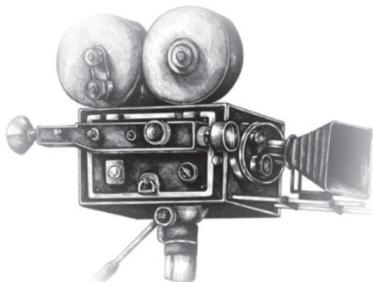
onde hoje se encontra uma estátua do Padre Giordani, obra do escultor caxiense Bruno Segalla. Ao final, o vice-presidente da República visita a Metalúrgica Abramo Eberle, e recebe uma medalha comemorativa, também obra do escultor. Tem-se nesse filme-reportagem uma alusão ao epíteto que muito ainda se escuta em discursos enaltecedores sobre Caxias do Sul: “cidade da fé e do trabalho”.

Assim está constituída e organizada esta obra. Considerando a distribuição do livro prioritariamente para escolas do município, os textos têm a intenção de discutir as possibilidades e potencialidades dos filmes para o estudo da História e do Cinema. Procurou-se adotar uma linguagem acessível, e os filmes podem ser assistidos integralmente pelos interessados, para que possam ter a sua própria fruição e fazer as suas análises. Assim, espera-se que novos olhares permitam novas construções de conhecimento. Afinal, este é um trabalho de História Pública que se preocupou em dar acesso às fontes históricas sobre a cidade e sobre o patrimônio industrial.

Bons filmes, boa leitura!

Anthony Beux Tessari
Organizador





1

Conheça a cidade

Silvana Boone

A voz respeitada e conhecida pelo tom dramático do narrador e radialista paulista Oswaldo Calfat inicia o filme com a chamada “Conheça a cidade!”¹, da Michelin Filmes, acompanhada da imagem de um homem de idade avançada, de cabelos brancos, olhando através de um binóculo do alto de um parreiral típico da região conhecida pelas uvas e vinhos. Direciona o olhar para uma estrada ao longe, focando num carro que passa por lá e transporta um casal que vem chegando para conhecer os encantos turísticos do local, suas belezas naturais, a pujança industrial, comercial e sua gastronomia típica, desde sempre muito presente no catálogo turístico da região.

Com o objetivo de fazer um convite especialmente aos turistas mais distantes para visitarem a cidade de Caxias do Sul e seus arredores, na região nordeste do sul do Brasil, a produção

¹ “Conheça a cidade” (1972). Duração: 12min19seg. Narração: Oswaldo Calfat. Redação: Jimmy Rodrigues. Sonoplastia: Nestor Michelin. Iluminação: Waldir Peres e William Roberto. Câmeras: Nazareno Michelin e Luiz Bampi. Participação especial: Rubens Rossetto e Elenita Rossetto.



Imagen 1: Quadro a 07segundos do filme.

do filme, evidenciando ter um caráter publicitário, atende aos recursos tecnológicos vigentes nos anos 1970. Dono de uma voz inconfundível e lendária no Brasil, Oswaldo Calfat (São Paulo, 1920-2005), radialista e locutor paulista, deixou sua marca em inúmeras produções audiovisuais e sonoras. A escolha pelo seu nome e pela sua voz certamente se deu com o objetivo de valorizar a produção, já que o conteúdo deveria ter um alcance para além das fronteiras estaduais, atingindo outros territórios nacionais. Narrado de forma enfática o texto escrito pelo jornalista caxiense Jimmy Rodrigues (1925-2013), são utilizadas palavras que já caíram em desuso no vocabulário atual, denotando o tempo histórico da narrativa².

A chegada do casal, de automóvel, apresenta a viabilidade do acesso e sugere o quanto poderia ser uma boa experiência

² Palavras citadas ao longo do filme: “espraiando”, “laboriosa população”, “edifícios alterosos”, “principal logradouro”, “embevecimentos”, “vegetação luxuriante”, “dadivosa terra caxiense”, entre outras.

um deslocamento regional ou nacional com tal finalidade turística: o sul do Brasil suscitava – e suscita ainda hoje – o imaginário dos brasileiros distantes daqui, pela paisagem – hoje nacionalmente conhecida como Serra Gaúcha –, pelo desenvolvimento industrial, pela fartura e qualidade da culinária gaúcha e pelo frio no inverno. Mas os deslocamentos envolviam centenas de quilômetros de um estado ao outro e, naquele momento, era possível apenas através das vias terrestres. As viagens mais longas também poderiam ser feitas de ônibus.

A partir disso, podemos pensar como o tempo e o desenvolvimento social alteraram as rotas de viagem e os apelos turísticos. Das viagens terrestres, considerando a construção e a ampliação das estradas brasileiras, à popularização do transporte aéreo, o acesso à cidade teve suas distâncias encurtadas, facilitando a chegada do visitante à cidade ou à região com economia de tempo e maior segurança. Da mesma forma, mudaram os processos de comunicação: no filme, o caráter hospitaleiro do povo caxiense e a receptividade da cidade é mostrada por meio do Serviço Municipal de Turismo e do uso de panfletos impressos, entregues ao visitante, que também, à época, eram enviados para as agências de turismo de inúmeras cidades do país. Hoje, grande parte da informação se concentra diretamente na mão das pessoas, nos aplicativos disponíveis nos smartphones, nos perfis das redes sociais, bem como em sites especializados na promoção do turismo de forma especializada e direta aos interesses do público.

Túnel do tempo

O filme “Conheça a Cidade” nos permite o deslocamento através de uma espécie de túnel do tempo: as cores desbotadas da película apontam para a existência física do suporte fílmico

original da imagem e da história que ali está contida, numa estética presa no tempo dessa existência. O carro, as roupas, as características dos espaços que já se transformaram em outra paisagem, a arquitetura em desenvolvimento, enfim, um conjunto de informações visuais que manifestam a identidade daquela década, na cidade de Caxias do Sul. E aí, nos perguntamos: quantas memórias cabem em alguns minutos de filme?

Se “as imagens atravessam nossas histórias coletivas e as reconfiguram numa duração intemporal” (Samain, 2012, p. 59), a digitalização do acervo da Michelin Filmes deverá resgatar uma parte da história local por meio de fragmentos de uma coletividade, num dado tempo histórico, presos, até então, a uma tecnologia obsoleta nos dias de hoje.

A partir da metade do século XX a imagem em movimento chegava através do cinema ou da televisão e produzia múltiplos sentidos para quem assistisse a um documentário ou a um comercial publicitário. Como conhecer um lugar nunca visitado? Quais as possibilidades e como torná-las visíveis aos olhos de alguém distante? Assim, “Conheça a Cidade” deveria cumprir esse papel e produzir o desejo de alcance a um lugar desconhecido.

O resgate do filme – do analógico ao digital, do rolo à disponibilização no YouTube – nos mostra o quanto a sociedade mudou nos últimos cinquenta anos: na roupa e na moda vigente, no design dos automóveis, na arquitetura em crescimento mostrada nas tomadas aéreas que evidenciam espaços urbanos sendo preenchidos por prédios altos em meio às construções históricas do centro da cidade e das ruas que compõem o entorno da Praça Ruy Barbosa, hoje Praça Dante Alighieri. Das estradas vicinais sem pavimentação e das ruas ainda de paralelepípedos ao asfaltamento chegando em acessos mais remotos da cidade, fica evidenciado o caráter publicitário do filme. Se percebe, ainda, os objetivos

políticos da película ao registrar os serviços municipais, assim como as obras públicas realizadas e destacadas, atribuídas ao então prefeito Victorio Trez, capitalizando aquela gestão administrativa. Desconhecidos os motivos que originaram a produção do filme, acredita-se que ele deveria amplificar o alcance local para além das fronteiras da cidade.



Imagen 2: Quadro a 3min49seg do filme.

Ainda sobre o tempo, atentando a alguns detalhes visuais mais pontuais, nota-se que o casal protagonista não faz uso do cinto de segurança durante os passeios – hoje obrigatório por segurança e por lei –, assim como o filme aponta o que hoje seria considerado trabalho infantil – o carregador de malas no hotel é uma criança –, e, ainda, o passeio em lancha a motor na represa de abastecimento de água potável da cidade, uma ação politicamente incorreta, entre outros aspectos da imagem que, por sua natureza histórica, denuncia o tempo passado.



Imagen 3: Quadro a 6m30seg do filme.

História e memória de uma cidade

Podemos ressaltar a identidade de uma cidade e suas características quando pensamos no lugar onde habitamos a partir de comparações entre o que se conhece e o que se busca conhecer. E, ao nos voltarmos para o contexto da nossa cidade, o que salta aos olhos quando lembramos de Caxias do Sul? O desenvolvimento cultural da cidade sempre esteve vinculado aos movimentos industriais da região. O crescimento econômico local se deu na associação dos setores da indústria, do comércio e de serviços, além de estar constantemente associado à origem italiana, tornando-se referência em gastronomia típica e em outras características que mantiveram a tradição dos imigrantes. No intuito publicitário de divulgar a região por meio de um filme, no início da década de 1970, percebe-se o potencial empreendedor ao evidenciar o que a cidade tinha de melhor.

A cidade de Caxias do Sul, destacada pelo narrador como “a metrópole do nordeste gaúcho”, serviu como ponto de origem para o desenvolvimento da região, mais especificamente por ser um polo industrial que concentra algumas das maiores indústrias metalmecânicas do país, respeitadas em diversos países dos cinco continentes. Os desdobramentos das iniciativas mostradas ao longo do filme são referências para alavancar o desenvolvimento cultural e os demais setores econômicos.

A cidade criou pilares sustentados pelas origens italianas e, em 2025, são comemorados os 150 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, fazendo jus ao legado deixado pelos imigrantes, que, abriu espaço para o futuro que hoje é o nosso presente. Assim, a cidade mantém a receptividade aos novos imigrantes até hoje, chamando a atenção para a presença de trabalhadores de outras cidades e países, gerando uma multiculturalidade para além das tradições italianas, como a haitiana, a senegalesa e a venezuelana. Muitas vozes, muitos sotaques, muitas cores, muitas diferenças que, a cada dia, se misturam mais, seguindo a ordem do tempo presente. Lembrando a premissa de Marshall McLuhan: tornaram o mundo e os microterritórios uma grande aldeia global.

A população da região nordeste do estado sempre se esmerou em tornar o lugar das suas vivências em um ambiente em constante crescimento, resultado de muito esforço vinculado ao trabalho e à sua religiosidade, advindos dos antepassados. Isso também está presente no filme, ao destacar a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes (localizada no interior do município) e a Igreja de São Pelegrino como lugares a serem visitados.

A Igreja de São Pelegrino e as pinturas do italiano Aldo Locatelli produzidas entre 1951 e 1960 são destacadas como ponto turístico e cultural, assim como o Monumento Nacional ao Imigrante, criado por Antônio Caringi (Pelotas, 1905-1981), inaugurado em 1954, representando a “epopeia

da colonização". Com menos de vinte anos de história, naquele momento da produção do filme, os dois espaços que enaltecem a agenda cultural local já tinham destaque no cenário do turismo regional e nacional, sendo ambos os pontos mais visitados na cidade até os dias de hoje.

Sobre a memória dos acervos

Ao resgatar o legado deixado pela Michelin Filmes, destaca-se a importância de preservar os acervos e suas diferentes linguagens. Neste caso, resgatar acervos fílmicos, suportando as mudanças tecnológicas e evitando a perda de memória, é uma motivação para pesquisadores que percebem que o tempo se esvai muito rápido e que a cada instante novas tecnologias tornam obsoletas as anteriores. Da fotografia nascida no século XIX às imagens computacionais de hoje, os avanços tecnológicos ressignificam a história e a memória humana. Cabe, portanto, repensar o lugar dos acervos de toda espécie como uma urgência, dada essa obsolescência tecnológica: películas de filme, fitas cassetes, videotapes e outras mídias eletromagnéticas perdem o acesso aos equipamentos que tornavam possível sua visualização. A digitalização de filmes é um respiro para salvaguardar as memórias locais e tornar acessível a imagem do passado, nos ajudando a criar parâmetros para o futuro.

Portanto, partindo desse pressuposto de resguardo e de memórias, como balizar o que pode e o que deve ser preservado para o futuro? Qual o intuito do ser humano em perpetuar a si e aos outros por intermédio da imagem? Ao pensarmos na imagem fílmica, como conseguimos inventariar o que cabe em um segundo de memórias gravadas para a posteridade? De que forma a imagem em movimento consegue parar o tempo ou nos fazer retroceder décadas? É imprescindível que o passado possa ser preservado e que as tecnologias revisitadas promovam esse resguardo.

Podemos analisar a imagem transformada ao longo dos últimos cinquenta anos ao vermos de que forma o filme “Conheça a cidade” vai se desenrolando. O roteiro é construído com o objetivo de mostrar diretamente o que a cidade tem de melhor para que o turista realmente venha sabendo o que vai encontrar. Se, por um lado, a produção falha em não construir um roteiro mais criativo e estetizado sobre os lugares, por outro, cumpre seu papel em dizer por que as pessoas devem conhecer a região.

E no tempo presente, nosso olhar se incomoda com o que vê, na passagem do tempo, já que as mudanças tecnológicas nos acostumaram com uma estética visual que acompanha a contemporaneidade. Ampliaram-se as técnicas de produção da imagem com o cinema, o vídeo e a computação, e, a partir dos anos 1960, ocorre a ascensão das tecnologias computacionais como novas formas de criação no universo da arte. Atualmente, corre-se o risco de termos a história recontada – e reconfigurada – pela inteligência artificial, e por ora, trazer o tempo guardado em mídias analógicas ainda nos remete ao glamour e à emoção de poder acessar o desconhecido através da imagem real, mesmo que desbotada pela ação do tempo.

A preocupação com o resgate ou com a catalogação de registros originais (através de vídeo ou de fotografia) ou através de algum outro tipo de suporte de memória deve garantir a sua posteridade. Para Peter Burke, que se interessa pelo uso das imagens como evidência histórica, “imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras” (Burke, 2017, p. 51). E para quem percebe o tempo passar, a história é ressignificada nas imagens à medida que esse tempo passa.

Nas sequências do filme, o casal segue seu percurso pelo centro da cidade, destacando a receptividade hoteleira, a gastronomia e diversão noturna, o comércio central,

destacado pela visita ao Varejo da Eberle S/A, indústria metalúrgica importante no cenário nacional durante décadas da segunda metade do século XX e o destaque nas Lojas Alfred, conhecida também pela tecelagem do Lanifício Sehbe. A narração destaca o parque fabril da região e suas malharias, motivadas pelo desenvolvimento industrial e pela exportação como resultado do trabalho, e não deixa de evidenciar a importância do setor agrícola, a vitivinicultura, a uva, o vinho e as potencialidades do que hoje chamamos de turismo rural.



Imagen 4: Quadro a 9min56seg do filme.

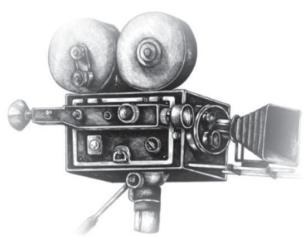
O filme chega ao seu final chamando a atenção para a Festa da Uva – uma das evidências que o filme foi produzido no ano de 1972³ –, evento já consagrado no país e respeitado

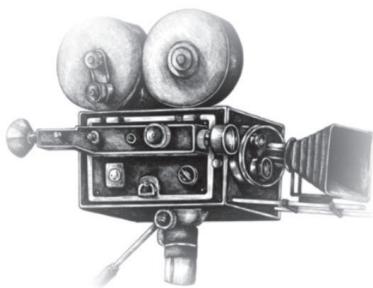
³ Nas imagens finais do filme, a Festa da Uva de 1972 é mostrada e o cenário apresenta as três esferas de fibra de vidro doadas pelo governo alemão para o Rio Grande do Sul por conta de uma feira realizada em São Paulo no ano anterior, evidenciando novamente o ano da produção do filme. As esferas passam a integrar a Expainter, em Esteio, a partir do mesmo ano. No quadro a 9min56seg, o ano aparece como “Lançamentos 72” no material visual em exposição nas Lojas Alfred, indicando, também, o ano da coleção da moda.

pelo seu caráter empreendedor como uma feira de negócios, até hoje um lugar garantido no imaginário dos caxienses e dos turistas que por aqui passaram naqueles “tempos áureos”, usando um termo que, possivelmente, Calfat teria empregado se pudesse nos dizer algo hoje sobre as memórias guardadas do tempo do filme “Conheça a cidade”, com direito a música instrumental de fundo, compatível com aquela época.

Referências

- BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Unesp, 2017.
- SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens.** Campinas, SP: Unicamp, 2012.





2

O patrimônio industrial de Caxias do Sul na narrativa audiovisual da Festa da Uva de 1969

Daniela Pistorello

Os residentes da cidade de Caxias do Sul ou seus visitantes mais assíduos não demoram a identificar, no filme produzido pelas lentes de Nazareno Michelin, em 1969, o tema central proposto na película que, não por acaso, está presente no título da obra.

Festas da Uva

A Festa da Uva teve início em meados do século XIX e constantemente expressou momentos marcantes da sociedade regional e nacional. Tem sido consensual, entre os pesquisadores do tema (Herédia, 1997; Ribeiro 2002; Nascimento, 2009; Zanini, 2013), afirmar que do seu surgimento, em 1931, até 1938, a festa se consolidou como uma feira agroindustrial. Retomada em 1950 no contexto da comemoração ao 40º aniversário da cidade e aos 75 anos

da imigração italiana no Brasil, a Festa ressurgia como um instrumento para evidenciar as transformações que a cidade sofrera ao longo do tempo. Afinal, Caxias do Sul havia se tornado uma cidade industrial, cuja mão de obra era proveniente de migrantes da zona rural e de outras partes do Brasil. A língua predominante já não era o italiano, e a indústria, em mãos de uma nova elite etnicamente denominada luso-brasileira, competia com a produção agrária e vitivinícola. Em função dessa diversificação em seu perfil econômico, demográfico e cultural, o discurso sobre a Festa de 1950 apresentou uma reorientação que visava integrar e harmonizar a própria elite de então. Conforme Santos (2015, p. 73):

A elite econômica e cultural, que sempre monopolizara a organização da festa, passou a se afastar do universo do agricultor e espelhar-se na elite luso-brasileira, à qual pretendia se equiparar em termos de status, mas ao mesmo tempo construía para si uma identidade diferenciada da luso-brasileira. Doravante, e por muito tempo, acompanhando a transformação econômica da cidade, o papel da uva nas representações da festa seria progressivamente minimizado – mas, amplamente consagrado, nunca totalmente abolido – em prol da enfatização da indústria.

A partir desse contexto a Festa da Uva de 1950 investiu numa representação que relacionava o imigrante italiano e o migrante interno ao progresso, ainda que o “intrépido” italiano fosse o original protagonista da modernidade urbana.

A partir de então, a Festa é projetada para ter repercussão nacional. Na edição posterior, a de 1954, em sua sétima edição, ainda recebia o nome de Feira Agroindustrial. Essa edição, em especial, chegou a ser conhecida como uma das edições mais emblemáticas entre todas as realizadas até então. Naquele ano, o evento durou 51 dias – em vez de 30

– e chegou a ser apelidado de “festa interminável”, conforme noticiou a imprensa local. Para termos uma ideia, em 1969, ano da realização da festa no qual o filme foi produzido, o evento já era considerado o maior em seu gênero em toda a América do Sul, sendo visitado por mais de 300 mil pessoas.

A festa de 1969

A XI Festa Nacional da Uva e a V Feira Agroindustrial de Caxias do Sul foram tema de um audiovisual de aproximadamente 13 minutos, e apresenta muito mais do que o evento que tradicionalmente ainda acontece na cidade (com algumas diferenças substanciais). Chama a atenção, sobretudo, como parte do que envolveu a Festa e a Feira do ano de 1969 é narrada, quais recursos visuais estão presentes, como são mobilizados e, sobretudo, o que fica em evidência ou não no discurso apresentado.

Nesse sentido, nosso interesse não recai exatamente para o contexto do filme, o que mereceria discussão à parte por se tratar de uma produção feita em plena ditadura militar no Brasil. Afinal, um ano antes dessa edição da festa, no Rio de Janeiro, o estudante Edson Luís foi assassinado pela Polícia Militar; houve, também no Rio, a passeata dos 100 mil, que reuniu vários setores da sociedade brasileira contra a ditadura e, em dezembro do mesmo ano, foi promulgado o Ato Institucional n. 5 (emendado à Constituição Federal de 1967), que marcou o início dos “anos de chumbo” no Brasil. Ou seja, as comemorações da XI Festa Nacional da Uva e a V Feira Agroindustrial aconteceram em meio a períodos obscuros da cena política brasileira.

É necessário explicitar que nosso objetivo tampouco é enfatizar a imagem que abre o vídeo, na qual, ao som de uma versão da música de Gunter Noris, “Capriccio Italien”, se vê parte da natureza praticamente intocada pelos homens, que,

segundo narra José Assis, se transforma a partir da ação do imigrante italiano. Embora as cenas seguintes continuem a tratar do tema da imigração, do trabalho vigoroso com a terra e com os parreirais e de como essa atividade foi responsável pelo “surto industrial” de Caxias do Sul, não é isso que daremos relevo.

Da mesma forma, não é intenção prestar atenção à fotografia aérea da cidade de Caxias do Sul na década de 1960 e à sua apresentação como “a metrópole do nordeste gaúcho”, que se constitui, segundo o narrador, como uma cidade que se originou do trabalho com a agricultura. Ideia endossada por imagens que apresentam uma cidade espacialmente ordenada, cortada simetricamente por duas avenidas paralelas e que é ocupada por edifícios residenciais, comerciais e industriais dispostos de forma proporcionais.

Também não centraremos a nossa análise em imagens do desfile das candidatas a rainha e a princesas da festa, apresentadas como “autênticas representantes da beleza da mulher caxiense”. Tampouco lançaremos olhares para o baile das celebridades que aconteceu no Recreio da Juventude e no qual estiveram presentes personalidades da cena política brasileira, como o prefeito de São Paulo José Vicente Faria Lima (1909-1969), a artista plástica Djanira da Motta e Silva (1914-1979), o cirurgião plástico Ivo Pitanguy (1923-2016) e o estilista Clodovil Hernandes (1937-2009), entre outros. Da mesma forma, não faremos referência sobre a visita do Presidente da República Marechal Artur da Costa e Silva (1889-1969) a Caxias, bem como sobre a participação da Miss Rio Grande do Sul Ana Cristina Rodrigues no desfile noturno de carros alegóricos.

No entanto, para além de todos os aspectos acima mencionados que o filme suscita, gostaríamos de propor um diálogo a partir de algumas imagens.

Uma delas ao nosso ver é emblemática e, na nossa compreensão, dá o tom não apenas dos festejos em tela, mas dos discursos e dos vários significados atribuídos à festa e à feira agroindustrial. É aquela escolhida – propositadamente ou não – para ser “capa” do filme na versão online, mas que aparece também como um marcador nos desfiles que acontecem em importante via pública da cidade, a rua Sinimbu, durante o período da festa. Esse marco, que parece fazer as vezes de um “pórtico”, um “portal”, é fixado em ambos os lados da avenida numa parte onde o desfile tem destaque: próximo às arquibancadas, em frente à catedral metropolitana, lugar destinado às pessoas consideradas ilustres e/ou importantes no contexto do evento.



Imagen 1: Desfile da XI Festa Nacional da Uva e a V Feira Agroindustrial de Caxias do Sul, cena do filme.

Vemos, ao centro e acima, uma saudação aos visitantes da festa. Em ambos os lados, o direito e o esquerdo, há cachos de uvas escorrendo por cilindros em formatos de cones. No

centro da imagem, uma cabeça humana, sem identidade, que está de perfil e usa um capacete alado. Esta imagem está organicamente ligada a uma engrenagem em cor amarela, que está em destaque na tela. De forma marcante, o conjunto da imagem permite inferir uma relação estreita entre a agricultura – por meio da presença das uvas – o comércio e a indústria, representados, respectivamente, pela referência ao deus Hermes (capacete alado), conhecido como deus da comunicação, da riqueza e do comércio, e pelas engrenagens da indústria, aludidas no discurso sobre a cidade industrial.

Imagens da cidade

A imagem se comporta como um elo indissociável entre duas cidades: uma que atribui à agricultura a responsabilidade por absorver a mão de obra imigrante e tornar a terra fértil; outra que, pelo desenvolvimento industrial, torna a cidade pujante e moderna.

Desse modo, o desfile da Festa da Uva é também a construção da comemoração de um projeto migratório considerado de êxito, que é reiteradamente lembrado e exaltado pelos descendentes de italianos da região, que por meio de seu engajamento na indústria contribuíram com o “progresso da cidade”.

Nesse sentido, nada mais evidente do que o desfile de carros alegóricos ressaltar a materialidade do patrimônio que representa a cidade; no caso, aquele ligado de alguma forma à indústria, consolidada já no final dos anos 1960 na cidade.



Imagen 2: Desfile da XI Festa Nacional da Uva e a V Feira Agroindustrial de Caxias do Sul, cena do filme.

Muito embora a Carta de Nizhny Tagil (2003)¹ apresente como conceitos de patrimônio industrial os vestígios da cultura industrial que detêm valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico, o que desfila pela rua Sinimbu, de Caxias do Sul, é o seu presente industrial. Ele aparece indissociado do passado agrícola da cidade e representa o progresso industrial alcançado por meio da “ciência e da técnica”.

Os carros alegóricos, visualmente, reforçam o que foi construído pelo texto de Jimmy Rodrigues e que é ressaltado na edição do vídeo que relaciona “uvas e jamantas, agricultura e indústria”, em referência às atividades da indústria metalúrgica presentes na cidade.

¹ Carta em defesa da conservação do patrimônio industrial, lançada pelo Comitê Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH) e pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítio (Icomos). O texto dessa carta foi aprovado pelos delegados reunidos na Assembleia Geral do TICCIH, que se realizou em Nizhny Tagil (Rússia) em 17 de julho de 2003, o qual foi posteriormente apresentado ao Icomos para ratificação e aprovação pela Unesco.

Junto às referências da indústria metalúrgica, desfilam carros que remetem aos diversos ramos da produção fabril, como é o caso da fábrica Angelina Sebben Filhos & Cia Ltda.



Imagen 3: Desfile da XI Festa Nacional da Uva e a V Feira Agroindustrial de Caxias do Sul, cena do filme.

Na imagem, vemos o carro alegórico, que passa em frente à catedral de Caxias do Sul e que traz referências ao nome da indústria têxtil já mencionada. Nele, pessoas vestindo peças de roupas produzidas pela fábrica.

Segundo o narrador do filme, “toda gama do trabalho fecundo está presente no extraordinário desfile”. Talvez o desfile apresente muito mais o produto do “trabalho fecundo” do que o trabalhador que o executa, fundamental para a existência do produto a ser exibido, ou do próprio desfile. Nesse sentido, podemos perceber que a atribuição de valores está centrada muito mais na materialidade do patrimônio industrial do que em outros valores que possam remeter à sua intangibilidade.

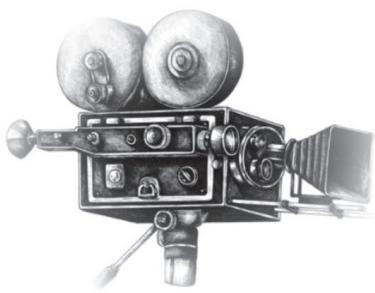
Diante disso, lançamos o desafio: poderíamos identificar, no filme, outras marcas do patrimônio industrial de Caxias do Sul além daquelas sugeridas nesse breve exercício de reflexão? Ou ainda, poderíamos identificar fazeres, expressões e/ou subjetividades que dizem respeito ao âmbito imaterial do patrimônio industrial e que possam nos dar a dimensão da importância e do papel dos trabalhadores nesse processo?

Essas e outras questões, que certamente surgem a partir dessas provocações, nos permitem revistar o passado de Caxias do Sul e refletir sobre o lugar do patrimônio industrial no passado e no presente da cidade, a fim de não apenas conhecermos esse passado, mas, sobretudo, de perspectivar futuros possíveis.

Referências

- HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da zona colonial italiana.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1997.
- NASCIMENTO, Roberto Fogaça. **A formação urbana de Caxias do Sul.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009.
- PRATS, Lorenço. **El concepto de patrimonio cultural. Politica y Sociedad**, n. 27, p. 63-76, 1998.
- RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio. **Festa e identidade:** como se fez a Festa da Uva. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2002.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. **Bendito é o Fruto:** Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos. São Paulo: Léo Christiano Editorial, 2015.
- THE INTERNATIONAL COMMITTE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HARITAGE. Carta de Nizhny Tagil para o Património Industrial. Disponível em: https://ticcihbrasil.org.br/?page_id=675. Acesso em: 18 nov. 2024.

ZANINI, Maria; SANTOS, Miriam. **As Festas da Uva de Caxias do Sul, RS (Brasil):** Historicidade, mensagens, memórias e significados. *Revue Artelogie*, v. 4, n. 3, 1-13, 2013.



3

“Que faz o filho, que faz a civilização, progresso e alegria”: o centenário da imigração italiana sob a ótica ufanista edêника da Michelin Filmes

Geovana Erló

Contextualização histórica

Caxias do Sul é uma cidade culturalmente plural e diversa. Antes mesmo de ser oficializada como Município, a territorialidade já aglutinava manifestações culturais que partiam desde a cosmovisão Kaingang até a organização de povos escravizados, seus descendentes e os elementos construídos a partir de suas relações com imigrantes europeus. Todavia, esse último segmento, sobretudo os imigrantes italianos, foi o extrato da sociedade caxiense que mais recebeu visibilidade e méritos pela construção da cidade, tida como uma decorrência direta do seu trabalho braçal, de sua fé católica e de sua imposta vontade de progresso.

Esta expressiva exaltação de um imigrante italiano idealizado esteve presente na construção da história oficial de Caxias, desde 1925, quando álbuns alusivos ao cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, constituídos pela Intendência Municipal com função estritamente comemorativa e ufanista, foram publicados. Vinte e cinco anos mais tarde, em 1950, a então municipalidade organizou mais um álbum, que até hoje é tido como uma das fontes históricas mais consultadas para compreender os discursos inerentes à colonização. Em ambas as compilações oficiais, prezou-se pelo enaltecimento da figura do “europeu desbravador”, que chega em “terras selvagens” e as coloniza a partir do zero – sendo essa uma tendência de valorização humanista latina (Herédia; Paviani, 2003).

Essa postura tipicamente positivista dentro da historiografia foi responsável por orientar as produções posteriores feitas por pesquisadores locais, como é o caso de João Spadari Adami, que, por meio da coleta de acervos variados junto à comunidade caxiense, redigiu densos volumes de obras descritivas publicadas ao longo das décadas de 1960 e 1970 – os quais descreviam o desenvolvimento da região do ponto de vista econômico, sem, todavia, expressar uma análise aprofundada sobre seus “marcos históricos”.

Cabe ressaltar que essas pesquisas foram financiadas por Júlio João Eberle, uma importante personalidade da indústria metalúrgica caxiense que é considerada um expoente da imigração para a região, justificando a tendência empregada nessas e em outras obras também subsidiadas por descendentes de imigrantes italianos. De tal forma, percebe-se que o incentivo monetário para produções de teor ufanista era recorrente, não limitando-se somente aos livros, mas também às publicações em jornais, no rádio e na televisão.

O ano de 1975, contudo, é o período em que mais se vinculou o ideário de que Caxias do Sul foi construída por conta da imigração italiana. Além dos já tradicionais álbuns

supracitados, também foi instituída uma série de práticas e de políticas públicas a partir da Prefeitura Municipal, como a reabertura do Museu Municipal de Caxias do Sul – instituição criada em 1947, mas desativada em 1967, quando sua sede foi demolida e boa parte de seu acervo foi extraviada – e começou-se a estruturação do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, inaugurado em 1976, “[...] viu-se a seletividade na salvaguarda de acervos, majoritariamente compostos por artefatos fetichizados alusivos à imigração italiana e à industrialização que dela decorreu” (Erlo, 2023, p. 90).

Também em comemoração ao centenário do processo migratório em questão, o então prefeito de Caxias do Sul, Mário David Vanin (membro do partido Arena), organizou, por meio do Serviço Municipal de Turismo, uma série de eventos nos distritos da cidade para fortalecer os laços identitários da italianidade com um sentimento de pertencimento. Mas tais ações não se circunscreveram somente ao ano comemorativo em questão, tendo iniciado com os preparativos anteriores e investimentos posteriores, sobretudo no evento que é um marco simbólico para a cidade até os dias de hoje: a Festa da Uva.

Tais ações foram amplamente registradas pelas mídias locais, com destaque para a então nascente mídia audiovisual, de ampla divulgação pelos aparelhos televisores, que começavam a fazer parte da realidade das casas caxienses. É nesse contexto que surge a produção da Michelin Filmes, exemplo claro deste processo, em que o foco das produções no trabalho braçal, inicialmente dos imigrantes italianos e posteriormente de seus descendentes, lança as bases para a compreensão acerca de como a cidade era representada ao longo da segunda metade do século XX. A popularização dos filmes e de curtos promocionais e comerciais, de caráter ufanista em Caxias do Sul, trata-se do recorte temporal deste texto.

Para romper preconceitos e estereótipos acerca da sociedade caxiense, valorizando a multiplicidade e a dinamicidade de seus povos formadores, é necessário um aprofundamento teórico para analisar criticamente as influências das representações das identidades da cidade. Para corroborar tal desconstrução, este artigo objetiva tecer contextos analíticos para a compreensão das representações audiovisuais da Michelin Filmes como conformadoras de um ideal ufanista edênico (Araújo, 2021) com base na idealização dos imigrantes italianos como construtores da tida pujante Caxias do Sul a partir de suas produções audiovisuais ligadas ao centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

Para alcançar tal objetivo, serão analisadas duas produções audiovisuais promocionais e comerciais entre a vasta produção da produtora criada por Nazareno Michelin na década de 1950, sendo elas os documentários intitulados “Caxias do Sul Século II” (9min e 18seg, 1974) e “Construção da Réplica de Caxias do Sul – 1885” (10min e 35seg, 1978). A análise das produções em questão se dará por meio da consonância no uso da metodologia da análise das imagens em movimento de Rose (2002) – em que se busca elencar os ideais por trás da seleção de determinadas cenas em detrimento de outras, bem como a forma como são apresentadas – juntamente da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) – em que a repetição e a forma de uso de termos determinarão o contexto e os intuitos por quem constrói o discurso narrado.

O passado e o futuro de Caxias do Sul

Não existe neutralidade nas relações dentro de uma sociedade. Conforme aponta Bardin (1977, p. 15), “por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar”.

A própria redação, a entonação, a energia, o movimento, o fundo sonoro, as imagens reproduzidas e o controle do léxico de um discurso representam as ideologias de quem o cria e o conduz. Ainda segundo o autor, “a análise das coocorrências parece ter utilidade para clarificar as estruturas da personalidade, as ‘preocupações latentes’ individuais ou colectivas, os estereótipos, as representações sociais e as ideologias” (Bardin, 1977, p. 202) e, de tal forma, faz-se necessário caracterizar quem são os sujeitos envoltos às produções.

Embora seja proprietário e técnico das operações de câmera da Michelin Filmes, Nazareno Michelin não é o único responsável pelas produções audiovisuais da produtora. Em ambas as obras analisadas, a Jimmy Rodrigues é atribuída a redação, isto é, a concepção do texto que orientará a captura das cenas e a posterior narração. Esta é feita por José Assis em “Caxias do Sul Século II” (1974) e por William Mendonça em “Construção da Réplica de Caxias do Sul – 1885” (1978). Os créditos da primeira obra (1974) também indicam Celso Scola como responsável pela iluminação, enquanto a segunda (1978) não informa sobre, trazendo, contudo, o roteiro feito pela Soma Publicidade. Em ambas, Nazareno Michelin é o principal operador de câmera, contando, na produção de 1974, com o apoio de Luiz Bampi.

Coube à equipe supracitada a consolidação dos filmes que, embora não tragam a informação de quem os financiou, por suas características que focam na positivação de elementos próprios do processo de ocupação da cidade por imigrantes italianos e à sua constituição industrial, clarificam seu caráter propagandista e mercadológico em vez de uma perspectiva documental. Algumas características, inclusive, assemelham-nas às produzidas para legitimar os feitos de regimes políticos ufanistas do século XX, aos quais atribui-se o conceito de “filme propaganda” ou “filmes de marketing” (Porto, 2011)

– como os utilizados no Estado Novo (1937-1945) e na Ditadura Civil-Militar (1964-1985), no caso brasileiro.

Porsua vez, por ufanismo compreende-se um “exacerbado orgulho nacionalista” (Michaelis, online). Para Araújo (2021), mais do que somente o termo “ufanismo”, para casos como o percebido em Caxias do Sul no recorte temático desta pesquisa, deve-se utilizar o conceito de “ufanismo edênico”, em que se manifesta uma positivação excessiva da história de determinado território “[...] como um princípio de dominação sustentado pela necessidade de um avanço técnico no trato com espaço geográfico, (re)produzindo-o e alterando-o, numa relação dialética entre o natural, as formas espaciais pretéritas e as novas estruturas construídas” (Araújo, 2021, p. 143). É o que fica evidente na fala de abertura da produção “Caxias Século II” (1974):

Em apenas cem anos de trabalho dedicado e fecundo, os imigrantes italianos e seus descendentes, assim como homens das mais variadas origens, transformaram, com a força de sua fé inquebrantável e seu inaudito sacrifício, e com o seu braço poderoso, um abandonado acampamento indígena nesta moderna, desenvolvida, vigorosa e rica cidade que é Caxias do Sul.

Essa frase também demonstra o ufanismo sob a ótica dos sujeitos responsáveis pela construção do território edenizado: nesse caso, embora sejam citados “homens das mais variadas origens”, tal valorização da pluralidade de braços para a criação da territorialidade citadina não torna a se repetir, dando espaço à repetição constante do papel dos “imigrantes italianos”. De tal forma, fica claro quem são os protagonistas da história de Caxias do Sul a partir da ótica das produções analisadas – novamente, o imigrante europeu que substituiu o suposto arcadismo dos povos indígenas por uma cidade vigorosa e rica, representada na narrativa

como um “monumento vivo da perseverança daqueles que a construíram com paciência e amor”.

A idealização do imigrante italiano como um agente de transformação para a modernização do território se faz presente em outros momentos do mesmo curta-metragem. É o caso da narração que liga elementos culturais conformadores do surgimento da cidade àquela que descreve a pujança econômica contemporânea, em que “[...] perenizada no granito e no bronze, a imagem do colono é o símbolo inspirador dos que herdaram a sua humildade e a sua grandeza”, sendo essa “[...] humildade consubstanciada nos seus hábitos simples, grandeza refletida na obra que realizou durante um século de luta rude e perseverante”. Além dessa representação positivada do imigrante, “Caxias Século II” (1974) remonta também à romantização edênica ao citar os primórdios da cidade:

Caminhos estreitos e tortuosos, casas de madeira e o bucolismo da antiga Vila de Santa Teresa foram os alicerces da metrópole vibrante de hoje. Sofisticados equipamentos industriais nas centenas de fábricas caxienses entoam em seu burburinho a louvação às modestas oficinas de seus primórdios. O artesanato foi a base de tudo. Homens e mulheres produzindo com as próprias mãos calejadas os instrumentos indispensáveis à vida e ao progresso cotidiano.

Além do artesanato, segundo a obra de 1974 – baseada na historiografia positivista que serviu de fonte para a maioria das produções da Michelin Filmes –, a agricultura de subsistência significou o surgimento e o desenvolvimento da cidade, servindo de ligação à industrialização posterior, representada por meio das vinícolas. Ao passo que “exuberantes cachos de uva, das mais variadas castas, tendem das latadas como generosas oferendas aos seus cultivadores”, estes produtos, ao serem industrializados, constituíram

[...] o alicerce do desenvolvimento empresarial caxiense. Foi o vinho que tornou conhecida nacional e internacionalmente a cidade que vai completar cem anos em 1975. E dessa atividade originou-se muitas outras que fizeram de Caxias do Sul um dos mais diversificados centros industriais do país.

Para representar o Município como um grande polo industrial e cosmopolita, ambas as obras recorrem à narrativa visual que representa as inovações tecnológicas, de infraestrutura e urbanismo, mostrando imagens tanto aéreas quanto terrestres, com destaque aos prédios mais altos em comparação às pequenas edificações de madeira que iniciaram a ocupação territorial. Porém, o texto elaborado tenta relacionar a manutenção do ideal de progresso com a preservação dos valores do trabalho manual agrícola e, para juntar ambos os espectros – passado manufatureiro e presente mecanizado –, são utilizados tanto os desfiles com carros alegóricos quanto a inovadora exposição industrial da Festa da Uva.

Destacando a edição que ocorreria no ano seguinte, em 1975, com o *slogan* “festivo nascer do novo século”, o filme utiliza ao mesmo tempo dois elementos distintos para a relação entre os valores supracitados: o cartaz valorizando o “colono”, narrado como um “expressivo cartaz promocional [que] convida a população brasileira para os eventos que se realizarão em fevereiro e março de 1975, quando Caxias do Sul, jubilada, vai comemorar o seu centenário”, e a informação de que “para a Festa da Uva do centenário constroem-se novos pavilhões em parque amplo e urbanizado, onde se realizará grande exposição e feira internacional”.

FESTA DA UVA 75



1^º EXPOSIÇÃO-FEIRA INTERNACIONAL

Centenário da Imigração e Colonização Italianas
do Rio Grande do Sul · Fevereiro Marco
Caxias do Sul · RS · Brasil

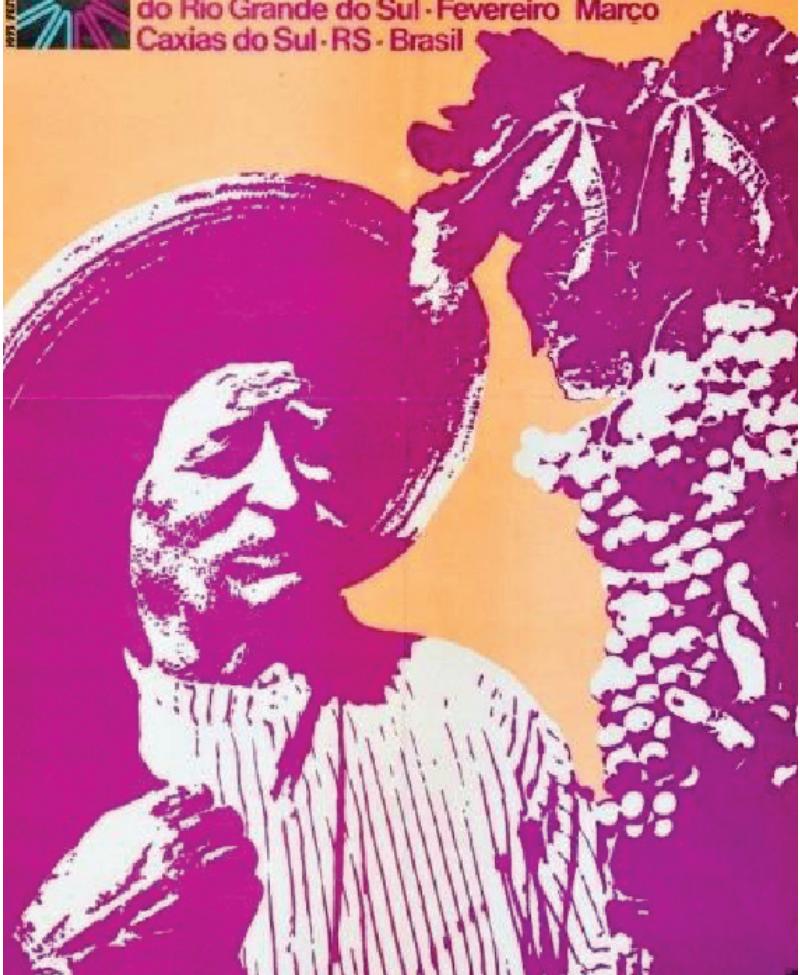


Imagen 1: Cartaz da Festa da Uva de 1975. Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJS).

As obras para os novos pavilhões, citados também no filme propaganda “Construção da réplica de Caxias do Sul 1885” (1978), são ilustradas através de cenas que fazem alusão ao já citado passado-presente, alternando entre um trabalho manual cuidadoso e a utilização de maquinários tecnológicos, cedidos pela Secretaria dos Transportes do Estado do Rio Grande do Sul (Michelin, 1978). Esse processo “[...] se trata de uma viva mensagem do longínquo passado de Caxias projetando-se para o futuro”, em que “o lampião para dissipar a treva e a numeração para identificar [as casas], unem aqui o passado ao presente”.

As casas em questão se tratam de reproduções em blocos de pedra e madeira daqueles que seriam os primeiros exemplares de moradia construídas em Caxias do Sul. Segundo a produção de 1978, “a ideia que começa a se tornar realidade é reproduzir um conjunto de casas de 1885, dez anos após o início da colonização e povoamento da atual cidade de Caxias do Sul, cuja ideia recebeu desde logo louvores e aplausos pelo que ela passou a representar”. Ainda segundo o documentário, o idealizador do projeto foi João Flávio Ioppi, então presidente da Festa da Uva, enquanto o engenheiro “[...] [Fúlvio] Oliva [seria] o responsável pela reprodução baseada em fotografias da época”.

Em trechos que reforçam as características urbanísticas iniciais da cidade de Caxias do Sul, indica-se que “uma das primeiras edificações da vila de Caxias foi a igreja, atestando profundo sentimento religioso dos imigrantes italianos, onde depositavam aos pés de Deus as suas esperanças e reconhecimento pela fé que os amparou”. Mais adiante, cita-se que, “para bem caracterizar a réplica, também uma praça surge diante da igreja”, bem como “uma taipa de pedras irregulares serve de apoio ao aterro, enquanto outra é constituída de troncos de árvores, reproduzindo o trecho da antiga Avenida Júlio de Castilhos”.



Imagen 2: Cena das réplicas de Caxias do Sul em 1885.



Imagen 3: Cena que exibe registro fotográfico das primeiras formas de habitação em Caxias do Sul.

Essa descrição é complementada pelos elementos visuais da obra, que indicam a inspiração em fotografias das primeiras habitações construídas na região, conforme ilustram as figuras 2 e 3. Nestas, é reproduzida

[...] a lavoura ao fundo do quintal, onde surgem os poços revestidos de madeira ou pedra. As casas são complementadas com obras externas, visando dar-lhes funcionalidade e demonstrando o zelo dispensado pelos pioneiros italianos ao seu abrigo e seu lar. O ar do trabalho cotidiano era amenizado pela fragrância e a beleza das flores na frente das casas. O pórtico da réplica é ao mesmo tempo um convite e uma promessa de hospitalidade ao visitante.

Considerações finais

As cenas que representam a inauguração da réplica de Caxias do Sul de 1885 trazem a reprodução de elementos como uma procissão, uma missa campal seguida de uma bênção e uma série de discursos de autoridades, como o do próprio presidente da Festa da Uva (João Flávio Ioppi), do Prefeito (Mansueto de Castro Serafini Filho), do Secretário de Transportes do Estado (Firmino Giardello) e do representante do Embaixador da Itália no Brasil (Giorgio Radicatti), que exaltaram “[...] a memória dos imigrantes perenizada na réplica”.

Também ao longo da realização da Festa da Uva de 1975, expressa pela produção da Michelin Filmes como o início de um novo século para a cidade, exalta-se o papel dos imigrantes italianos por meio de sua “[...] ânsia de progredir [que] substituiu o machado pela máquina complexa que faz a casa, o berço, a mesa, o altar, abrigo, esperança e futuro, que faz o filho, que faz a civilização, progresso e alegria”.

Mas que memória busca-se construir? Que imigrante busca-se representar? Que consequências estas representações, lançadas pelas produções audiovisuais da época e pela própria historiografia positivista, trazem? Trata-se de uma memória construída a partir de um ideal ufanístico-edenizado e colonizador que sobrepõe o europeu italiano e seus descendentes aos demais povos que também fizeram parte da construção do município.

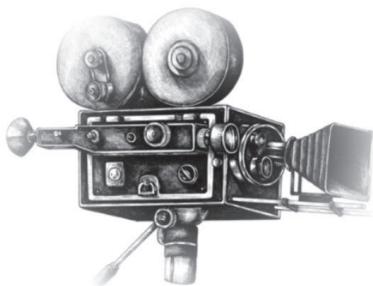
A consolidação de um ideário romantizado que atribuiu o desenvolvimento da região aos valores de civilidade da imigração italiana, instituídos como únicos responsáveis por um futuro de progresso industrial, acarretou o apagamento histórico e memorial de outros agentes também formadores da sociedade local, consolidando preconceitos às origens, aos gêneros e às crenças que, por vezes, se mantêm nas relações interpessoais até a atualidade.

Todavia, é necessário pensar o contexto em que as produções foram criadas e exibidas, sem partir de uma perspectiva anacrônica, pois os debates que envolvem temas relacionados às presenças e às ausências ao longo da História são relativamente recentes. Mesmo assim, de acordo com a análise das imagens em movimento e do conteúdo, percebe-se que esta pesquisa também faz parte de um posicionamento político.

Um olhar crítico às fontes históricas audiovisuais produzidas no recorte temporal analisado por este estudo auxilia na leitura reflexiva acerca da cidade até a contemporaneidade, deixando claro que as formas de representar os sujeitos que fizeram e que fazem parte de Caxias do Sul relacionam-se a uma perspectiva ideológica ufanista e que, de tal forma, precisam ser desconstruídas para que novas formas de integração das pluralidades sejam possíveis.

Referências

- ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul** (1864-1962). Caxias do Sul, RS: São Miguel, 1963.
- ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. Edenismo territorial, anacronismo técnico e a idealização do progresso no Brasil imperial. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, RJ, v. 7, n. 14, p. 122-146, maio/ago. 2021. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/45857. Acesso em: 18nov. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- ERLO, Geovana. **Tecendo a Gestão Comunitária do Patrimônio Industrial**: do Museu de Território ao Inventário Participativo de Galópolis. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. UFRGS, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257661>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Língua, Cultura e Valores**: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no Sul do Brasil. Porto Alegre: EST: Fondazione Cassamarca, 2003.
- MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ufanismo/>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- PORTO, Rafael Barreiros. Conceitos comportamentais em filme de propaganda: aplicações de técnicas que descrevem a mensagem persuasiva. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 3, p. 310-318, jul./set. 2011.
- ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 246-262.



4

Metalúrgica Abramo Eberle em movimento: imagens da fábrica em cinco filmes

Anthony Beux Tessari

Caxias do Sul, localizada na Serra gaúcha, é o segundo maior município em população do Rio Grande do Sul, e destaca-se nacionalmente pela produção na indústria da transformação. Dados de 2023 indicam que são mais de 72 mil trabalhadores empregados nos mais de 10 mil estabelecimentos industriais existentes na cidade (Prefeitura, 2023). Por mais de meio século, a Metalúrgica Abramo Eberle (MAE) foi a maior expressão no seu ramo de atividade, atraiendo mão-de-obra local e trabalhadores de outras regiões. Duas de suas antigas unidades fabris hoje constituem patrimônio histórico tombado de Caxias do Sul cujo principal valor de preservação está relacionado à memória dos trabalhadores que dedicaram seu esforço para a riqueza da fábrica e, por extensão, da cidade.

Uma breve história da MAE

Conforme as narrativas elaboradas e patrocinadas pela empresa, que procuram salientar o pioneirismo e o empreendedorismo de seu fundador, a fábrica iniciou as suas atividades em 1896, quando o imigrante italiano Abramo Eberle (1880-1945) teria comprado do próprio pai, Giuseppe Eberle, uma oficina de funilaria. Naquele momento, o jovem tinha a idade de 16 anos. Contudo, fontes históricas e estudos demonstram que a oficina funcionava desde uma década antes, e que durante boa parte desse período esteve sob o comando de Luigia Zanrossi Eberle, mãe de Abramo e esposa de Giuseppe (Bergamaschi, 2005). Luigia assumiu o posto na oficina e ensinava ao filho as atividades, ficando conhecida na cidade pela alcunha, oriunda do dialeto vêneto, de Gigia Bandera (Luigia, a funileira).

Na década de 1900, os primeiros investimentos da fábrica não foram expressivos em maquinário, mas na contratação de força de trabalho, inclusive muitas crianças, denominadas aprendizes. Os primeiros aprendizes empregados foram Ernesto Barbisan e Eugenio Lucchese, e tiveram os seus contratos de trabalho assinados em 1901, quando tinham a idade de 12 e 13 anos, respectivamente. Ambos foram empregados com a condição de residirem na casa de Abramo, e deviam “cuidar as ordens dos patrões, e prestar toda a obediência como se fosse a seus pais” (Tisott, 2008, p. 77).

A partir do início da década de 1920, uma parte da fábrica passou a funcionar em prédios de alvenaria, e mecanismos automáticos foram incorporados à produção. No mesmo período, houve a fixação dos primeiros regulamentos internos, que tinham o objetivo de disciplinar a dinâmica produtiva e as relações de trabalho. Entre as regras estavam a de não conversar nas horas de trabalho, não assobiar, limitações de idas ao banheiro e multas por atrasos. Naquela mesma década, com quase 300 trabalhadores empregados, a fábrica

absorvia cerca de 25% da mão-de-obra operária de Caxias do Sul (Tessari, 2013).

Em notícia de jornal, de 1921, encontra-se a menção mais antiga a um acidente de trabalho na fábrica, o da morte do operário Arthur Rosa, que teve traumatismo craniano após cair de uma altura aproximada de 7 metros quando pretendia buscar uma ferramenta sobre um telhado. Outros relatos, registrados em fontes orais, falam de um ambiente de trabalho perigoso e documentam mais mortes de trabalhadores, assim como de operários que sofreram amputações ou que adquiriram deficiências diversas.¹

No ano de 1942, em meio à Segunda Guerra Mundial e após a entrada no Brasil no conflito, a fábrica foi declarada de interesse militar pelo governo brasileiro, tendo parte da sua produção dedicada a atender a Força Expedicionária Brasileira. Passado o chamado “esforço de guerra”, em 1948 foi inaugurada a segunda unidade da fábrica, o que resultou na intensificação do trabalho de fundição. No final dos anos de 1960, surgiu a terceira unidade, solenemente inaugurada pelo presidente da república, e a fábrica ampliou a produção de motores elétricos. Outros itens produzidos em grande escala eram os artigos de montaria, de arte sacra e religiosa, espadas, facas, medalhas comemorativas, prataria diversa e talheres.

Abramo Eberle faleceu em 1945; foi comerciante, industrial e vice-intendente municipal; ademais, aproximou-se do fascismo na década de 1920 e apoiou o Estado Novo nacionalista de Vargas na década seguinte. Com sua morte, a administração da fábrica foi continuada por seus dois filhos homens, José e Júlio Eberle. A empresa (e a família) Eberle sempre se manteve próxima de autoridades políticas regionais

¹ Depoimentos registrados pelo autor do texto, disponíveis para consulta no IMHC/UCS.

e nacionais, recepcionando, por exemplo, os presidentes militares da Ditadura em visitas oficiais a Caxias do Sul.

Um dado demonstra que, entre 1905 e 1970, a fábrica empregou cerca de 11.300 trabalhadores, sendo a maioria constituída por homens, mas com parcela significativa de mulheres e de aprendizes (Lazzaroto, 1981). A maior parte dos operários era oriunda de Caxias do Sul ou de municípios vizinhos; depois, se intensificou a presença de migrantes de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A primeira ficha que identifica uma pessoa negra na fábrica é datada de 1943, embora se perceba a presença de negros nas seções de trabalho em fotografias desde o início da década de 1920.

Em suas publicações, a administração da fábrica orgulhava-se de não registrar greves com ampla adesão dos empregados. Apenas em 1963 ocorreu a primeira e maior greve na fábrica, que teve a participação de 95% dos operários – segundo o depoimento de Bruno Segalla, líder sindical no período. Contra a adesão aos movimentos grevistas, a administração da fábrica atuava combinando atitudes paternalistas com medidas de assistência social. Repressão no interior da fábrica também era uma característica, notando-se em imagens quadros de multas afixados nas seções de trabalho.

A MAE foi vendida para outros grupos empresariais em meados da década de 1980. Naquele período, a fábrica era constituída por nove unidades fabris, distribuídas em três grandes fábricas. Atualmente, duas fábricas da antiga Eberle encontram-se desativadas do seu uso industrial original, e foram tombadas como patrimônio histórico do município de Caxias do Sul. O conjunto dos prédios mais antigos da empresa (a chamada “Fábrica 1”) pertencem a um grupo privado de investidores, e tem hoje ocupação diversa: escritórios, lojas comerciais e estacionamento para veículos. A segunda unidade (conhecida popularmente como “Maesa”)

é um bem público pertencente ao município e, após diversos movimentos e lutas da sociedade civil, encontra-se em processo de definição de seu uso, com a expectativa de que prevaleça o uso cultural do bem, realçando a memória do esforço e da dedicação de milhares de trabalhadores que se constituíram como operários metalúrgicos na cidade.

Os filmes da MAE

Desde a primeira década de seu funcionamento, a MAE empregou e contratou o serviço de produtores de imagens (fotógrafos, cinegrafistas, pintores, vitralistas, escultores) ou foi retratada por esses, resultando na produção de milhares de fotografias, de quase uma dezena de filmes-reportagens, de pinturas, de vitrais e de bustos. Esses conjuntos de imagens pretendem mostrar o trabalho no interior da fábrica, os produtos fabricados, os diretores e os trabalhadores, a evolução da estrutura construída, os seus símbolos e suas efemérides.

Recortando o conjunto de filmes que retratam a MAE, têm realce oito produções. O filme mais antigo sobre a fábrica data de 1932, e foi produzido em película de 35mm pelo estabelecimento cinematográfico de A. Botelho Films, que tinha sede no Rio de Janeiro. Constitui-se o filme mais antigo da fábrica e da cidade de Caxias do Sul já encontrado, pertence hoje ao acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami e foi recentemente digitalizado pelo IMHC da UCS, após ter ficado desconhecido por várias décadas no arquivo da empresa. O filme mostra a visita do embaixador italiano Vittorio Cerruti e comitiva a Caxias do Sul, quando acontecia a Festa da Uva, e há um grande destaque para a passagem da autoridade estrangeira no interior da fábrica Eberle. Certamente, Abramo Eberle foi um dos financiadores da produção. Autoridades municipais e estaduais também

aparecem no filme, como o então Interventor Federal no RS, General José Antônio Flores da Cunha. O filme foi produzido em bitola de 35mm, é não-sonoro, e tem 10 minutos de duração, em velocidade de 18 quadros por segundo.

Os outros filmes existentes foram produzidos pela Michelin Filmes, e encontram-se no acervo do IMHC da UCS. Para a MAE, a Michelin Filmes produziu pelo menos cinco filmes, todos na categoria de filme-reportagem, sendo:

- um filme intitulado “Indústria em foco na TV: Metalúrgica Eberle S/A em Caxias do Sul”;
- um filme sobre a construção da Fábrica 3;
- três filmes de homenagens a jubileus de ouro – 50 anos de trabalho na fábrica.

Indústria em foco na TV: Metalúrgica Eberle S/A

A duração desse filme é de 10 minutos, foi produzido em película de 16mm, em preto e branco, e é originalmente sonoro. Infelizmente, a versão existente no acervo doado à UCS não tem a trilha de áudio, sendo apenas o negativo de imagem da produção (a partir da qual o produtor montava a cópia final para exibição). Apesar disso, é um filme que conta com documentação apensa, quer dizer, existem o script de cenas e o roteiro de texto de locução, o que permite saber o conteúdo quase completo do filme, além das imagens.

O filme foi composto por 80 cenas relacionadas à MAE, iniciando-se pela sua história e dando-se ênfase ao trabalho no interior da fábrica. Mostra o filme, nesta sequência: a imagem do fundador, Abramo Eberle, os primeiros produtos fabricados (artigos para montaria e facas), depois a produção de motores, a fabricação de ilhos, de rebites e de botões de pressão, a seção de talheres, a usina dos motores elétricos internos, a fabricação de máquinas de cereais, de moedor

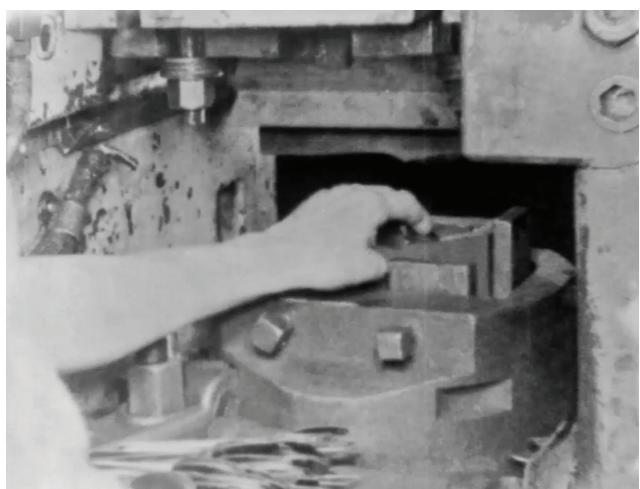
de carne e de café, a seção de artigos sacros, a seção de espadas e as seções de assistência médica (como o gabinete dentário, consultório médico e enfermaria). Também é mostrada a visita à fábrica do então Prefeito de Curitiba, Ivo Arzua Pereira, e do Deputado Federal pelo Paraná, Zacarias Seleme, o que nos leva a concluir que o filme foi produzido entre fevereiro de 1963 e abril de 1964, período em que os políticos estiveram nesses cargos. Ao fim da produção, imagens da saída dos funcionários ao término do expediente evidenciam a temática construída de “uma visita à fábrica” ou de “um dia de trabalho”.

O que mais chama atenção nessa produção são as cenas do trabalho no interior da fábrica e a condição dos operários. Por exemplo, veem-se atividades na seção de talheres, com martelos de queda e prensas que dão forma a garfos e colheres; nota-se que os operários interagem com as peças e com o maquinário sem qualquer tipo de proteção contra acidentes. A atividade de fundição segue a mesma lógica, com evidente precariedade nas condições de trabalho.

Os acidentes de trabalho na fábrica eram frequentes no período. Em depoimentos orais de ex-empregados se encontram relatos a respeito, como é o caso de Alvis Fiedler, que trabalhou na MAE de 1945 a 1966, na seção de gravação. Disse Alvis (2021):

Naquela época, o Dr. Mário era médico da Metalúrgica Eberle, ele que atendia os funcionários. O que esse “cara” teve de trabalho para atender os funcionários por causa de acidentes [...] Tinha uma máquina de estamparia, descia um martelo, que tinha a matriz que estampava o cunho; era macho e fêmea, um embaixo e um em cima, e a gente tinha que botar a peça no meio; essa [a matriz] descia e, se a pessoa se atrasava de botar aquela peça manual [...]. Um acidente envolvendo um dedo eram 40 ou 50 dias fora do

trabalho. Depois voltavam, mas havia pessoas com vários dedos faltando. Na sessão de estamparia, se eram 40 pessoas com 40 máquinas, essas 40 pessoas faltavam o pedaço de um dedo. E não era uma vez só, os acidentes aconteciam várias vezes, com a mesma pessoa, era na mão direita ou na esquerda.





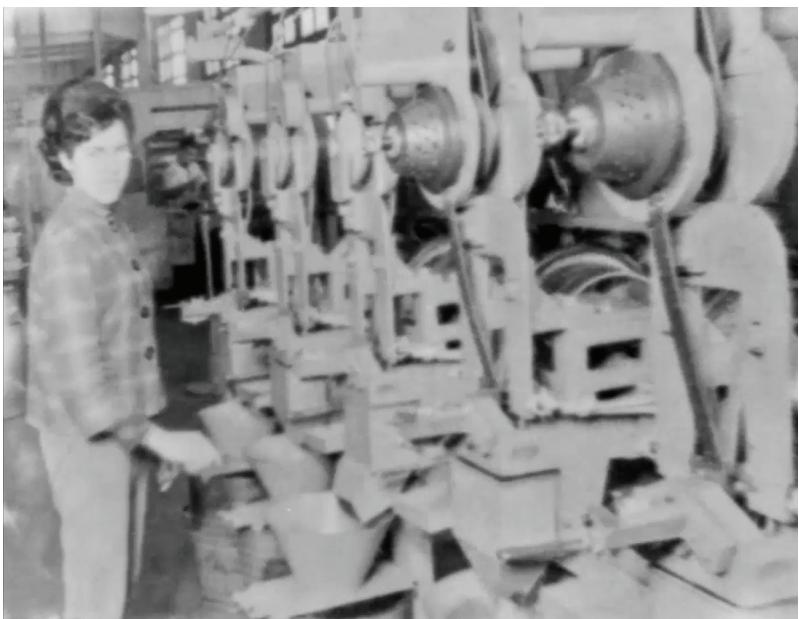
Imagens 1 a 3: Seção de talheres e seção de fundição, cenas do filme.

Apesar da pretensão do filme em exibir uma fábrica organizada e preparada para atender à saúde do trabalhador, a própria produção deixa escapar que os acidentes estavam presentes, quando um operário é mostrado com a mão enfaixada sendo atendido na enfermaria.



Imagen 4: Atendimento de enfermagem, cena do filme.

É verdade que é preciso olhar para a produção com atenção ao contexto histórico quanto às normas e legislação trabalhistas então existentes – a ideia de prevenção de acidentes é consolidada na década posterior a essa produção, por exemplo. Ao mesmo tempo, é preciso reiterar que se trata de uma produção financiada pela própria empresa, que seguramente direcionou o roteiro e selecionou as cenas de seu interesse para a montagem final desse filme-reportagem, somado ao trabalho do diretor e cinegrafista(s), que cuidadosamente elaboraram a melhor narrativa para enaltecer a MAE e a forma pacífica de suas relações de trabalho. Tendo isso em vista, com o olhar crítico do presente, uma das questões que podemos pensar a partir desse filme é sobre as condições de trabalho no passado e a importante e justa conquista dos direitos *dos e pelos* trabalhadores.





Imagens 5 a 7: Trabalhadoras nas cenas do filme.





Imagens 8 a 9: A saída da fábrica e cena final do filme com o prédio da Fábrica 1 em foco.

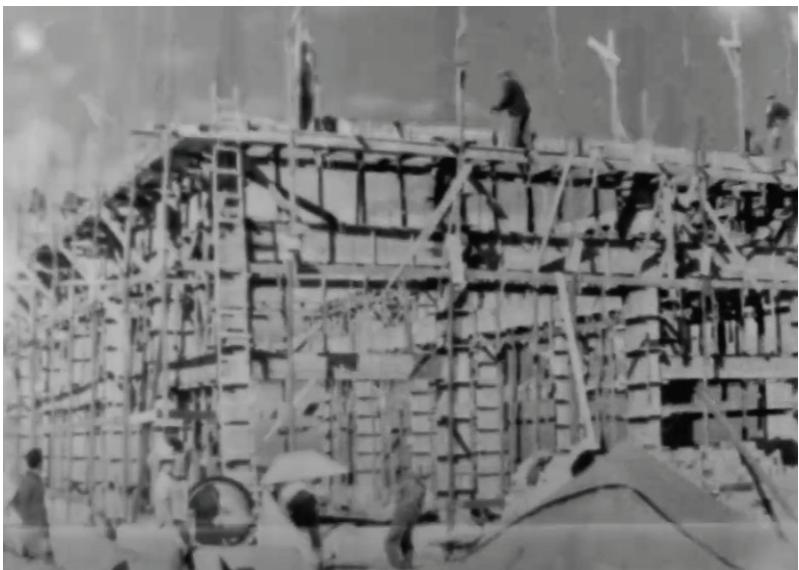
Construção da Fábrica 3

O segundo filme-reportagem do conjunto não tem data identificada, mas possivelmente foi concluído pela Michelin Filmes em 1974. De todas as produções existentes, é a mais longa em duração, com 27 minutos. Foi feito em película de 16mm, imagens em preto e branco e é sonorizado. A digitalização foi realizada a partir do negativo de imagem e do negativo de som, hoje existentes no acervo do IMHC da UCS. O filme tem a direção de Nazareno José Michelin, redação de Jimmy Rodrigues, locução de Oswaldo Calfat, iluminação de Luiz Pistorello e Cesar Kramer, direção de fotografia de Nestor Michelin, câmera de Nazareno José Michelin e Luiz Bampi.

Essa produção pretende exibir o processo de construção da terceira unidade fabril da MAE, localizada no bairro São Ciro, em Caxias do Sul. O filme inicia com imagens aéreas do centro da cidade, mostrando do alto a verticalização provocada por “alterosos” edifícios e a presença no cenário urbano das duas fábricas da metalúrgica – a Fábrica 1 e a Fábrica 2 (no atual bairro Exposição). Corta em seguida para as primeiras cenas de terraplanagem do terreno destinado à edificação do complexo da Fábrica 3, unidade dedicada principalmente à produção de motores elétricos.









Imagens 10 a 15: Trabalhadores da construção civil erigindo o complexo da Fábrica 3, cenas do filme.

Um discurso de progresso e evolução está presente nas imagens e na locução de todo esse filme. Escutam-se expressões carregadas de adjetivos, tais como: “crescimento vertiginoso”, “sólida economia”, “vida próspera”, “laboriosidade”, “perseverança”, “modernas técnicas”, “Caxias e Eberle não param”, entre muitas outras. As cenas visuais coadunam-se a esse discurso, performando uma narrativa triunfalista sobre a empresa e a cidade. A menção ao “imigrante” está presente também, por duas razões explícitas: a lembrança da fundação da empresa pelo imigrante italiano Abramo Eberle e a proximidade da comemoração do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, que o município se preparava para festejar em 1975.

O mesmo discurso ilustra a tônica do contexto político da Ditadura Civil-Militar-Empresarial (1964-1985), em que a indústria nacional recebeu incentivos diversos e empresários foram exaltados com ufanismo. Um primeiro exemplo disso aparece nos cinco minutos iniciais da produção, quando é destacada a presença, em visita à fábrica, de Jorge Babot Miranda, presidente do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), instituição financiadora da obra. Mais adiante, no minuto 23, ganham destaque os ministros do governo federal Pratini de Moraes (do Ministério da Indústria e Comércio) e Hygino Corsetti (das Comunicações), além do então governador do RS, Euclides Triches. Eles descerram placa comemorativa, junto aos diretores da fábrica, e sob as bençãos do bispo diocesano de Caxias do Sul Dom Benedito Zorzi. Antes disso, aos 19 minutos, o ápice das visitas de autoridades à fábrica é realçado com a presença do presidente General Arthur da Costa e Silva, que veio a Caxias do Sul em 1969 para participar da Festa da Uva, hospedou-se na chácara da família Eberle e recebeu homenagem na MAE.



Imagen 16: Primeira-dama do Brasil, Yolanda Barbosa da Costa e Silva, descerra placa alusiva à visita do marido, o General Arthur da Costa e Silva (ao seu lado, de óculos), cena do filme.

Pela proposta da produção ser direcionada a mostrar todo o processo de edificação da nova unidade fabril, boa parte do filme-reportagem está voltada ao trabalho de construção civil. Nesse sentido, destaca-se a presença da mão-de-obra de pedreiros e serventes, que manualmente deram forma aos pavilhões que se tornaram fábrica, com pouco uso de máquinas e equilibrando-se soltos sobre as estruturas, para erigir colunas de sustentação e paredes – segundo a narração, 400 mil tijolos foram empregados na construção; o número de operários, infelizmente, não é informado. Por volta de 15 minutos de filme, a fábrica, em pavilhões concluídos, surge em funcionamento: são mostrados então os operários na fabricação das carcaças dos motores e de outros itens, e uma visita de diretores estrangeiros da empresa Marelli (de Milão, Itália) também é destacada, pois as empresas compartilhavam tecnologia. O locutor sublinha que 700 operários atuavam na nova unidade, e que 40 mil motores elétricos eram produzidos mensalmente.

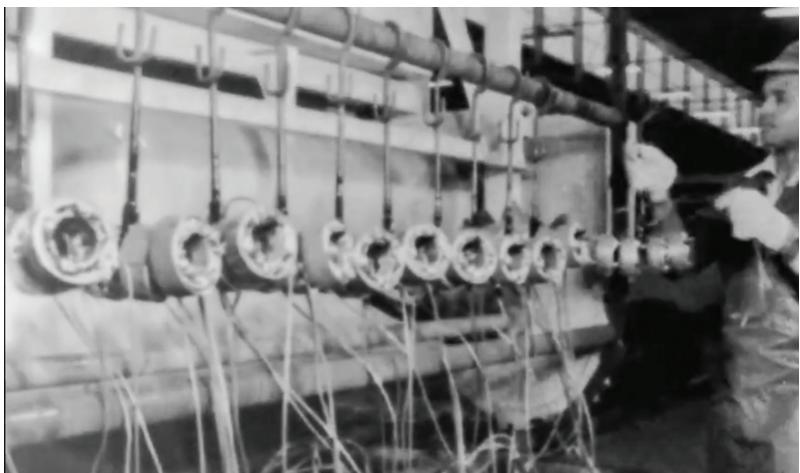




Imagen 17 a 19: Trabalhadores nas seções de produção e no refeitório. Veem-se mulheres e um homem negro, cenas do filme.





Imagens 20 a 21: A fábrica oferecia aulas em seu Centro de Formação de Mão-de-Obra Especializada, cenas do filme.

A produção encerra-se, assim como o filme-reportagem anterior, com imagens dos trabalhadores deixando os seus postos ao final de mais um dia de expediente. “Os operários saem satisfeitos por terem cumprido bem a sua útil e construtiva tarefa”, encerra o locutor, deixando explícito o entendimento a respeito dos trabalhadores na engrenagem da fábrica.



Imagens 22 e 23: Imagem aérea da fábrica e operários ao final do expediente, cenas do filme.

50 anos de trabalho: jubileus de ouro

Três produções formam o último conjunto de filmes da Michelin Filmes sobre a MAE. Todos têm em comum o registro da celebração de jubileu de ouro de funcionários, em datas diversas, sendo: 50 anos de trabalho de Américo Garbin (1972), de Honório Marotto (1973) e de Henrique Maggi (1974).

Pela ordem de data, os filmes têm 14, 4 e 10 minutos de duração, estão em rolos individuais, todos em películas de 16mm. Existe apenas o negativo de imagem de cada um no acervo. É possível que, além de arquivo para a fábrica, façam parte da própria homenagem organizada pela empresa, ou seja, que a produtora Michelin Filmes foi contratada para registrar o momento e, após, entregou uma cópia do filme aos homenageados para sua recordação pessoal.

Não se tem no acervo atual as películas de áudio, e apenas de um filme existe atualmente o roteiro. Todos os filmes seguem basicamente a mesma lógica: uma recepção do homenageado, cenas de um auditório cheio de pessoas, autoridades discursando, o jubilado recebendo homenagens de um diretor da fábrica e a fixação de seu nome em um grande mural.

O auditório em que ocorriam as efemérides se tratava do Salão Nobre da firma, na Fábrica 1. As pessoas presentes eram os colegas de trabalho, os diretores da firma e a família dos homenageados.

Em um periódico produzido pela própria empresa – intitulado de Boletim Eberle – encontram-se matérias a respeito de alguns desses eventos, sendo possível compreender melhor a sua dinâmica, na falta de narração nos filmes. A partir dessa fonte, e com o que mostram as imagens das películas, sabe-se que os jubilados, em geral, recebiam de presente um relógio de ouro (folheado), um distintivo

(tipo broche), também de ouro, um livro-álbum (a edição do livro “O Milagre da Montanha”, biografia de Abramo Eberle) assinado pelos colegas de trabalho, uma medalha ou estatueta e uma placa comemorativa.





Imagens 24 a 27: Homenagens aos jubilados por 50 anos de trabalho, cenas dos filmes.

Embora o filme não se encontre no acervo, toma-se como exemplo o jubileu de Angelo Torresini – ele foi o primeiro a alcançar o cinquentenário de trabalho na firma, em 1964. Em uma edição do Boletim Eberle, sabemos sobre a sua admissão em 26 de setembro de 1914, então como aprendiz, quando tinha a idade de 14 anos. Seu salário inicial era de 1\$500 réis por mês, e em sua ficha constava a anotação de que lhe fora chamada a atenção por duas vezes, e pessoalmente por Abramo Eberle. O motivo? “Se ausentara do serviço para apanhar uvas e maçãs no quintal do vizinho”.

Os filmes dos jubilados pelos 50 anos de serviços prestados à firma demonstram o valor atribuído ao trabalho pelo empregador, no sentido de que ele “dignifica o homem” – assim é trazido no Boletim Eberle. Além disso, evidenciam o interesse da direção da fábrica em fazer do evento uma demonstração de estabilidade da empresa para os demais funcionários e para a cidade. Ainda, cabe observar que os jubilados, à época de suas homenagens, tinham alcançado posições de destaque na estrutura da organização, como chefes e subchefes de seção ou diretores, e assim expressavam exemplaridade a todos os demais. Nesse sentido, o discurso do diretor-presidente da fábrica Júlio Eberle para Angelo Torresini destacou: a sua “vontade para o trabalho”, “imposição para o mérito”, “firmeza e competência em galgar o posto de mestre”, “eficiência na orientação de seus subordinados”, “responsabilidade”, “equilíbrio”, “bom-senso”, “respeito”, e “entranhado amor à nossa casa”.



Imagen 28: Medalha concedida ao jubilado Oscar Martini, adornada com uma coroa de louros, a piteira símbolo da fábrica e a expressão “trabalho constante”

Fontes de investigação e conhecimento histórico

As imagens visuais da fábrica e sobre ela são fontes de investigação que permitem estudar e compreender uma interessante dinâmica de produção, de circulação e de consumo de imagens visuais, assim como seus usos e funções, em diferentes temporalidades, para a própria fábrica e para a sociedade. O filme da década de 1960, por exemplo, foi transmitido em televisão, pois integrava a série “Indústria e foco na TV”, que a Michelin Filmes foi responsável por produzir durante um período e tinha circulação estadual. Já o filme-reportagem da construção da fábrica 3 teve exibição em cinema em Caxias do Sul, e certamente a empresa o exibia a visitantes ilustres e a potenciais parceiros comerciais.

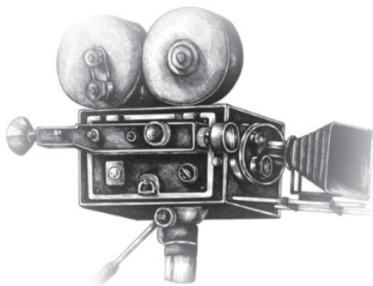
Há outras imagens da MAE em outras produções da Michelin Filmes. Por exemplo, encontram-se cenas da fábrica em filmes da Festa da Uva, como naqueles que documentam as edições de 1965 e de 1975. Assim também no filme “Conheça a Cidade” (1972), em que um casal de atores visita o Varejo Eberle, famoso local que se tornou ponto turístico de

Caxias do Sul. Além desses, acredita-se que mais produções foram realizadas, pela Michelin Filmes ou por outras produtoras, e que ainda possam estar em acervos privados inacessíveis. Afinal, é realmente marcante na trajetória da empresa o investimento na produção de imagens visuais, difundindo uma determinada visualidade sobre si, sobre a indústria e sobre a cidade.

Referências

- BERGAMASCHI, Heloísa Délia Eberle. **Abramo e seus filhos:** cartas familiares – 1920/1945. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.
- FIEDLER, Alvis. **Entrevista concedida a Anthony Beux Tessari.** Caxias do Sul, RS. 16 set. 2021.
- LAZZAROTTO, Valentim. **Pobres construtores de riqueza:** absorção da mão-de-obra e expansão industrial na Metalúrgica Abramo Eberle: 1905-1970. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1981.
- PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. **Caxias do Sul:** perfil socioeconômico, 2022/2023. Prefeitura de Caxias do Sul, 2023.
- TESSARI, Anthony Beux (org.). **Projeto Educa Maesa:** história e educação patrimonial no complexo industrial da antiga Metalúrgica Abramo Eberle S. A. 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/view/educamaesa>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- TESSARI, Anthony Beux. **Imagens do labor:** memória e esquecimento nas fotografias do trabalho da antiga Metalúrgica Abramo Eberle. Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, 2013.
- TESSARI, Anthony Beux. **Metalúrgica Abramo Eberle.** Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT). Página da Internet. Disponível em: <https://lehmt.org/lmt107-metalurgica-abramo-eberle-caxias-do-sul-rs-anthony-beux-tessari/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

TISOTT, Ramon Victor. **Pequenos trabalhadores:** infância e industrialização em Caxias do Sul (fim do Séc. XIX e início do Séc. XX). Dissertação (Mestrado em História). – Unisinos, 2008.



5

Patrimônio industrial: registros em filme do processo industrial na fabricação de carrocerias de ônibus

Ana Paula de Almeida

O presente texto tem como objetivo refletir sobre o cinema como fonte histórica para a identificação, registro e preservação do patrimônio industrial. A base para tal investigação são os filmes: “Marcopolo – Construindo o Progresso” (Caxias do Sul, 1979) e “Marcopolo – O Ônibus Brasileiro” (Caxias do Sul, 1981), ambos da produtora Michelin Filmes do cinegrafista e produtor José Nazareno Michelin.

Para tanto, o artigo está dividido em dois momentos: o primeiro trata sobre a relação entre o cinema e a história a partir do século XX, com o historiador francês Marc Ferro, apontando o cinema como objeto de estudo e fonte histórica; o segundo apresenta a análise dos filmes investigados sob a perspectiva do patrimônio industrial, ou seja, os filmes

passam no segundo momento a ser o objeto de estudo e a fonte histórica em análise.

História e cinema

A aproximação da história com o cinema se dá ao longo do século XX, quando os historiadores passaram a utilizar novas fontes históricas, entre elas, o cinema. Anterior a esse período, o cinema era visto como um passatempo de pessoas não cultas, pois após ter surgido nas salas nobres, o cinema teve como grande público pessoas simples. Os historiadores, por sua vez, tinham como fontes de pesquisa os documentos oficiais.

A utilização do cinema pelos nazistas, pelos stalinistas nos anos 30 e pelos Estados Unidos e demais países europeus durante a Segunda Guerra Mundial, a fim de difundirem suas propagandas ideológicas, tornou o cinema um meio de convencimento, demonstrando o seu poder de ação social. Com isso, os historiadores passaram a se preocupar com a conservação dos filmes, mas com o interesse não de estudar o filme em si, mas de usá-lo como forma de “rever” o real vivido, pois desde os tempos antigos buscou-se nas imagens o seu poder de imitação do real. A imagem deveria confirmar aquilo que o texto escrito ou a própria realidade apresentavam.

A década de 60 trouxe o cinema para dentro do campo da história, que questionou seus próprios posicionamentos e fundamentos, dando-se conta de que o documento escrito é tão manipulável quanto as imagens. Marc Ferro é o pesquisador mais conhecido que analisa a relação do cinema com a história. Em 1973, publicou um texto – reeditado diversas vezes, e em vários idiomas – em que discorre sobre a resistência do historiador em incorporar o filme como uma de suas fontes de pesquisa (Ferro, 2010).

Segundo Ferro (2010), o filme é ambíguo: por um lado parece recriar o real e atingir o factual e por outro parece uma manipulação de sentidos. Essa elasticidade da imagem torna o filme um objeto difícil de ser controlado, pois não se sabe exatamente o que ele quer dizer. As imagens deixam transparecer mensagens que grupos tentaram esconder, até porque alguns dos registros são involuntários.

Para Ferro (2010), a análise de uma película não deve se restringir apenas ao filme, este deve ser reinserido na sociedade que o produziu, através da apreciação da sua produção, dos seus elementos constitutivos, do autor, da crítica e do regime político, pois só assim é possível perceber e interpretar os “lapsos” do criador, da ideologia, que nos falam da própria sociedade e de como ela pensa e se organiza e como o idealizador do filme pensa essa sociedade.

Portanto, o método de análise de película proposto por Ferro (2010) parte de dois níveis: o conteúdo aparente (o que a história deixa explícito) e o conteúdo latente (o que se percebe a partir de uma análise, pois não está visível). A proposta de Ferro é trabalhar o filme como um produto, que vale por aquilo que testemunha, pois qualquer produto é feito de uma intenção. Essa intenção representa a sociedade em que o filme é produzido.

Ainda como parte do método de Ferro, o cinema como fonte histórica pode ser analisado na íntegra ou em partes, assim como tirar o som e separar o conteúdo do enredo. Dessa forma, para Marc Ferro (2010), todo filme deve ser analisado pelo historiador, pois a obra cinematográfica traz informações fidedignas a respeito do seu presente. A produção ficcional traz consigo a análise da sua divulgação e circulação, sendo possível identificar com maior clareza o diálogo entre filme e sociedade por meio da crítica e da recepção do público. Independentemente do gênero, o filme capta imagens, consideradas reais, sobre algum aspecto

da sociedade (imaginário, economia etc.), portanto sendo necessário aprender a ler os filmes.

Para orientar a leitura dos filmes propostos no estudo, é importante apropriar-se do conceito de Patrimônio Industrial, que é uma das dimensões do Patrimônio Cultural. A atividade industrial tem gerado elementos de interesse histórico, sociocultural e antropológico, como espaços de fabricação, tecnologia, relações sociais no ambiente de trabalho, entre outros. Onde a indústria esteve ou está presente, revelam-se fontes de estudo de caráter amplo, fundamental para documentar e compreender identidades locais. Assim, para tal análise assume-se a definição de Patrimônio Industrial presente nos Princípios de Dublin (Ticcih, 2011):¹

1 – Definição: O patrimônio industrial compreende sítios, estruturas, complexos, áreas e paisagens assim como maquinaria, objetos ou documentos relacionados que fornecem evidências dos processos de produção industrial passados ou em desenvolvimento, da extração de matéria-prima, de sua transformação em bens de consumo das infraestruturas de transporte e de energia relacionadas. O patrimônio industrial reflete a profunda conexão entre o ambiente cultural e natural, uma vez que os processos industriais – sejam antigos ou modernos – dependem de fontes naturais de matéria-prima, energia e redes de transporte para produzir e distribuir produtos para outros mercados. Esse patrimônio contempla tanto os bens materiais – imóveis e móveis – quanto as dimensões intangíveis, tais como o conhecimento técnico, a organização do trabalho e dos trabalhadores e o complexo legado

¹ Princípios conjuntos do Icomos (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) do TICCIH (Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial), para a Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Patrimônio Industrial. Os Princípios de Dublin foram aprovados na 17ª Assembleia Geral do Icomos, em 28 de novembro de 2011.

social e cultural que moldou a vida de comunidades e provocou grandes mudanças organizacionais em sociedades inteiras e no mundo em geral.

Dessa forma, podemos considerar os filmes “Marcopolo – Construindo o Progresso” (Caxias do Sul, 1979) e “Marcopolo – O Ônibus Brasileiro” (Caxias do Sul, 1981) documentos que estão relacionados à indústria, assim podem ser analisados como fonte histórica do patrimônio industrial, pois fornecem evidências das edificações industriais, dos processos de produção industrial passados, da transformação da matéria-prima em bens de consumo, como das relações sociais no mundo do trabalho.

Ambos os filmes são da produtora Michelin Filmes, de Caxias do Sul, e pertencentes ao cinegrafista e produtor José Nazareno Michelin, natural de São Marcos (RS). Durante os 40 anos de atuação, a Michelin Filmes produziu registros de festas de casamento, de aniversários, de desfiles das festas da uva e encomendas de vídeos institucionais da trajetória de indústrias da cidade. Entre as indústrias que encomendaram filmes institucionais à sua produtora, está a empresa Marcopolo.

Marcopolo: a fabricante de ônibus

Os filmes “Marcopolo – Construindo o Progresso” (Caxias do Sul, 1979) e “Marcopolo – O Ônibus Brasileiro” (Caxias do Sul, 1981) retratam a fábrica da fabricante de carrocerias de ônibus, Marcopolo. Constituída em 6 de agosto de 1949 com o nome de Nicola & Cia. em um pavilhão de madeira localizado na esquina da rua Treze de Maio com a Os 18 do Forte, em Caxias do Sul, somente em 1971 foi que passou a denominar-se Marcopolo.

Começou o seu funcionamento com oito sócios e quinze funcionários e foi uma das primeiras indústrias do Brasil a fabricar carrocerias para ônibus, sendo que as primeiras eram feitas de madeira adaptadas ao chassi de um caminhão, levando aproximadamente três meses para uma carroceria ficar pronta. As primeiras estruturas metálicas passaram a ser utilizadas pela empresa em 1952, levando a Nicola & Cia. a construir uma nova unidade industrial em 1957, no bairro Planalto, em Caxias do Sul.

Marcopolo – Construindo o Progresso

O documentário “*Marcopolo – Construindo o Progresso*” (1979) retrata o início do plano de expansão da empresa, a construção da sua segunda unidade industrial em Caxias do Sul, localizada no bairro Ana Rech. A primeira imagem nos permite visualizar a extensão da área de terras, que, segundo a narração do filme, equivale a 224 mil m², onde se inicia o processo de construção da unidade industrial da empresa.

Os dez minutos e quinze segundos de filme têm como foco as técnicas de engenharia de construção, desde a terraplanagem até a finalização das cabines de pintura dos ônibus produzidos pela Marcopolo. Por meio da narração e das imagens do filme é possível identificar elementos do patrimônio industrial, pois retratam o processo de edificação industrial, o conhecimento técnico da construção civil, o maquinário, a disponibilidade de materiais, e a tecnologia desenvolvida.

As imagens que ilustram este texto foram retiradas do filme, mostram os operários da construção civil preparando as ferragens para as sapatas, alicerces do pavilhão industrial; as ferragens são em formato de malha, com dez centímetros de espaçamento entre os ferros. Essa estrutura foi utilizada para as 325 sapatas que compuseram a edificação. As colunas

também de estruturas metálicas, com suas formas prontas, sendo preenchidas com concreto e aditivo. Nessa parte do filme temos indícios do tipo de matéria prima empregada na edificação: o ferro, as estruturas metálicas e o cimento com um aditivo para cura mais rápida.





Imagens 1 a 3: Processo de construção da unidade industrial da Marcopolo no bairro Ana Rech em Caxias do Sul, cenas do filme.

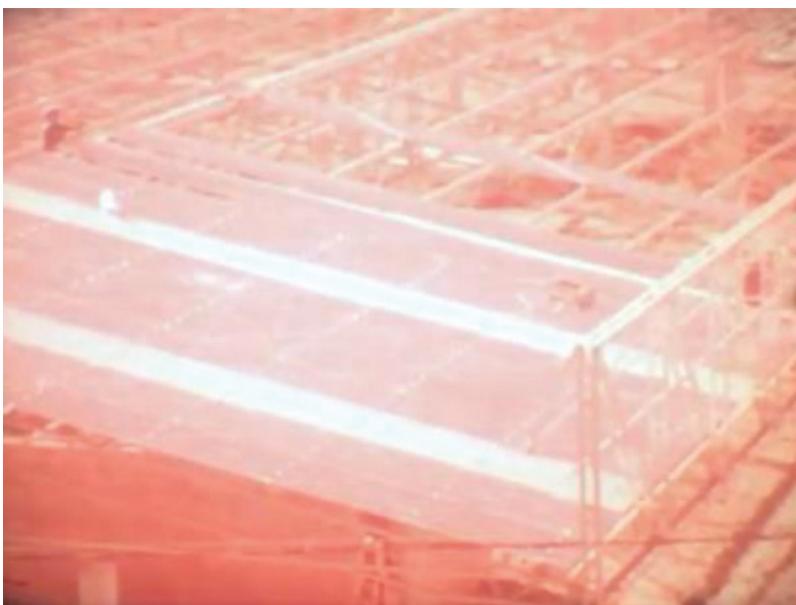
As imagens seguintes captam o uso de um guincho especial para colocação das colunas de sustentação dos três pavilhões industriais que estão em construção, evidenciando o maquinário utilizado na época para a edificação. Mostram a importância de uma base sólida para o piso interno, sendo este de metal e concreto para sustentar, além de aproximadamente 2 mil trabalhadores circulando, a movimentação interna da produção dos ônibus.





Imagens 4 a 6: Utilização do guincho especial para colocação das colunas na edificação da unidade industrial da Marcopolo no bairro Ana Rech em Caxias do Sul, cenas do filme.

Enquanto as cenas que seguem ressaltam a tecnologia empregada tanto na cobertura dos pavilhões, que visavam uma boa ventilação, o aproveitamento da luz natural, a redução de ruídos e até a poluição interna, assim como o isolamento dos ambientes internos, como as áreas de trabalho, com paredes do tipo contra fogo. Quase nas imagens finais, a cena se volta para as estufas de secagem da pintura dos ônibus, feitas com chapas de aço e isoladas com lã de vidro para manter a temperatura. As imagens seguem descrevendo toda a técnica utilizada para a finalização das cabines de pintura.





Imagens 7 a 9: Cobertura dos pavilhões, paredes internas e cabines de pintura da edificação da unidade industrial da Marcopolo no bairro Ana Rech em Caxias do Sul, cenas do filme.

O filme “Marcopolo – Construindo o Progresso” (Caxias do Sul, 1979) é uma fonte histórica rica em detalhes técnicos da construção de edificações industriais do período em análise, permitindo conhecer os avanços tecnológicos que foram necessários para a construção do complexo industrial, sendo assim, um importante registro para a identificação, conservação e reconhecimento do patrimônio industrial.

Marcopolo – Ônibus Brasileiro

O segundo filme selecionado tem como título “Marcopolo – O Ônibus Brasileiro” (1981) e aborda três momentos: inicia-se pela inauguração da nova unidade industrial da Marcopolo, com a presença do então Presidente da República, João Figueiredo, acompanhado por nove ministros e o Governador do Estado do Rio Grande do Sul. Esse fato nos faz refletir sobre a importância das novas instalações industriais, não só para Caxias do Sul, como também para a indústria brasileira. Após a inauguração da unidade, a comitiva circulou pela fábrica para conhecer todo o processo evolutivo de produção dos ônibus.





Imagens 10 a 12: Inauguração da Unidade Industrial da Marcopolo no bairro Ana Rech em Caxias do Sul, cenas do filme.

Na sequência o filme capta imagens de um coral formado por funcionários da empresa, o Coral Marcopolo. Nesse segundo momento, expressa as relações sociais no mundo do trabalho para além das rotinas de produção; tratam-se de imagens de sociabilidade entre os funcionários por meio da Associação de Funcionários Marcopolo: são atividades de esporte e lazer, como uma forma de integração. Essas atividades também se caracterizam como Patrimônio Industrial, pois nos revelam como se davam as relações para além da fábrica, ou como a atividade fabril conduziu as relações sociais dentro e fora da fábrica.



Imagens 13 e 14: Coral dos funcionários da Marcopolo e Jogo de vôlei na sede da Associação de Funcionários Marcopolo, cenas do filme.

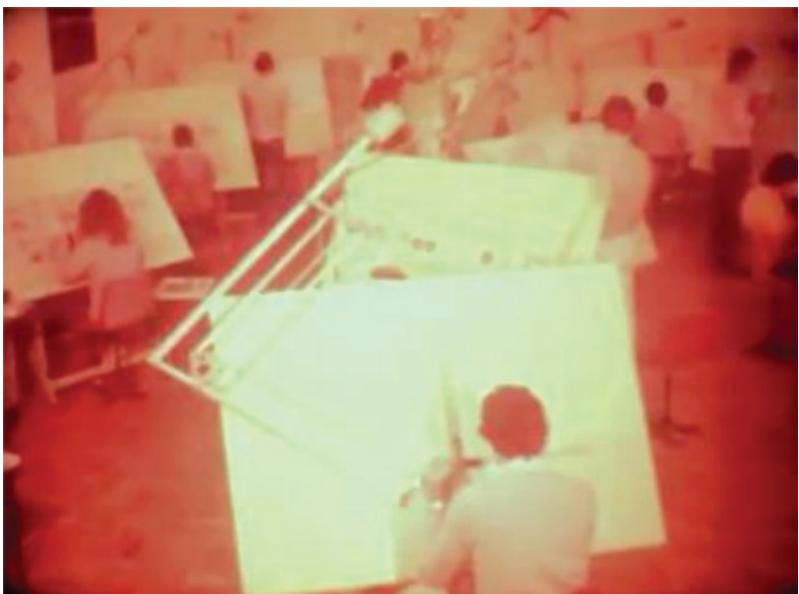
A qualificação da mão-de-obra também é outro aspecto que podemos observar no filme: os funcionários recebem treinamentos internos e externos, através de um programa de formação profissional em todos os níveis hierárquicos. Inclusive, a narração cita que os funcionários mais antigos passavam por um processo de reciclagem, a fim de estarem sempre preparados para os novos processos adotados pela empresa.





Imagens 15 e 16: Treinamentos realizados pelos funcionários da Marcopolo, cenas do filme.

O terceiro momento do filme é o registro de cada etapa industrial do sistema de produção da Marcopolo, desde o projeto sendo desenvolvido até chegada do chassi e da produção da carroceria em quatro linhas de montagem, enfatizando a precisão e a uniformidade mediante o sistema de montagem e de soldagem em gabaritos, desde o teto até a frente, a traseira e as laterais do ônibus. Detalhadamente as imagens captam o processo de pintura dos ônibus até serem encaminhados ao acabamento da parte interna, com a colocação dos revestimentos e das poltronas. É possível visualizar também os testes realizados antes da entrega do ônibus, entre eles o teste de rodagem e o teste d'água para comprovar a qualidade do produto.





Imagens 17 a 19: Etapas do processo de produção industrial do ônibus Marcopolo, cenas do filme.

O filme nos retrata todo o processo de produção de um ônibus Marcopolo em 1981. As imagens captadas a narração nos permite identificar as matérias primas empregadas, as técnicas e os processos, os produtos e os materiais importantes para a qualidade do ônibus, a fim de evitar corrosão, ruídos entre outros.

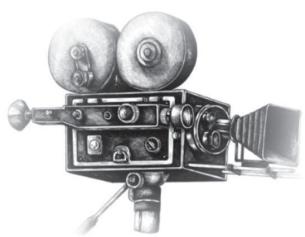
Fontes do patrimônio industrial

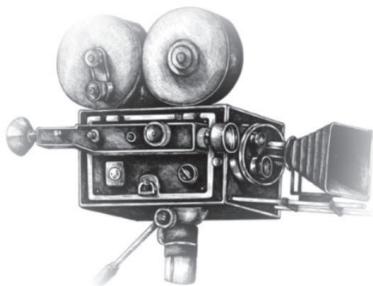
Os filmes encomendados na época pela empresa Marcopolo revelam a grandiosidade dos arquivos empresariais que tratam dos negócios, da vida pessoal, da família, tornando-se uma fonte fundamental de pesquisas relacionadas a diferentes disciplinas, considerando o caráter multidisciplinar do patrimônio industrial.

Todo esse arcabouço de informações contidas nos filmes são registros, testemunhos históricos do desenvolvimento da indústria, das experiências do trabalho industrial e dos trabalhadores. A partir deles é possível identificar as mudanças e as permanências dos processos industriais, assim como das relações sociais no mundo do trabalho. Tratam-se, portanto, de uma importante fonte de pesquisa do patrimônio industrial.

Referências

- CARVALHO, Murilo Teixeira. **Patrimônio Industrial, o território fabril sob a lente da (i)materialidade**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade). Universidade da Região de Joinville. Joinville, SC, 2013.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ICOMOS-TICCIH. **Princípios de Dublin**. 28 nov. 2011. Disponível em: <https://tccihbrasil.org.br/cartas/os-principios-de-dublin/>. Acesso em: 29 out. 2024.
- LOPES, Rodrigo. Nazareno Michelin: a história em movimento. **Máquina de Cinema**: Memória da cinematografia, 17 abr. 2017. Disponível em: <https://maquinadecinema.blogspot.com/2017/04/flagrante-no-carro-o-cinegrafista-e.html>. Acesso em: 30 out. 2024.
- RELA, Eliana. **Marcopolo**: meio século de uma história. Caxias do Sul, RS: Conceitual, 1999.
- ROSA, Carolina Lucena. **O patrimônio industrial**: a construção de uma nova tipologia de patrimônio. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH-SP. São Paulo: jul. 2011.
- TICCIH. **Carta de Nizhny Tagil**. 17 jul. 2003. Disponível em: <https://tccihbrasil.org.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/>. Acesso em: 30 out. 2024.





6

Comemorações e comoção em Caxias do Sul nos anos 70: uma celebração à cultura, ao trabalho e à comunidade pelas lentes de Nazareno Michelin

Mariana Duarte

“Fé e trabalho”

Em 2024, um slogan referente ao município de Caxias do Sul, já datado de alguns anos antes, ainda ecoa na cabeça de muitos cidadãos, naturais da cidade ou não. Diz a frase: “Caxias, da Fé e do Trabalho”.

Os espectros da dita fé e do rememorável termo *trabalho*, por muitas e muitas vezes, acabam passando na frente de outras virtudes citadinas, fazendo com que estas – em especial em determinados anos, por conta de questões burocráticas e principalmente políticas – apareçam de forma embaçada, de um modo que, figurativamente, precisaríamos “apertar os olhos” para as enxergar.

A cidade em questão não é constituída apenas de religiosidade e de economia. Os habitantes dela, e de qualquer outra localidade, necessitam de algo a mais para sobreviver. Algo que vai além de recursos naturais e do dinheiro para dar conta de nossas necessidades primordiais de sobrevivência. Aqui também existem aspectos sociais que permeiam o nosso dia a dia, mesmo assim, geralmente eles não recebem o devido valor e não são enxergados. Podemos resumir os em uma curta lista de três palavras: cultura, lazer e comemoração.

É sabido que a cultura pode ser sutilmente definida como *o*, ou como *um*, conjunto de conhecimentos, crenças, costumes, práticas, arte, leis e demais capacidades e hábitos adquiridos por uma pessoa ou por um conjunto delas. A cultura também pode se referir ao desenvolvimento e às manifestações intelectuais e artísticas de forma individual, mas ganham ainda mais potência se forem presumidas aos elementos específicos que caracterizam uma comunidade.

Já o lazer faz alusão ao tempo livre que uma pessoa utiliza para descansar, divertir-se ou realizar atividades de interesse pessoal fora das obrigações e das responsabilidades diárias, como justamente o trabalho.

Por fim, acerca do verbete comemoração, uma descrição ao longo deste texto, de um vídeo filmado e editado em Caxias do Sul com imagens em movimento de 1971, nos traz uma série de exemplos do ato que compreende celebrar um evento, uma data, uma conquista ou uma pessoa de maneira especial, além de ser uma forma de dar importância a algo. Uma comemoração geralmente vem em formato de festas e cerimônias, podendo ser pública, como nos casos que aqui serão esmiuçados, ou privada. Ela pode incluir tradições específicas, como músicas, discursos, comidas típicas, entre outras práticas que variam de acordo com o contexto cultural.

Ao vislumbrar e estudar a História, o que aconteceu no passado de uma cidade e como a observamos no presente, não existe a necessidade de fazê-lo apenas por meio de documentos bidimensionais, como documentos oficiais, relatórios, livros e registros constituídos em linguagem escrita, preferencialmente se o seu suporte for o papel. Para Samara e Tupy, na obra “História & Documento e metodologia de pesquisa” (2010), nos é apontado que essa visão não corresponde imperiosamente a uma verdade absoluta, pois a documentação que fundamenta os estudos históricos assume atualmente os modelos mais diversos, aborda diferentes conteúdos e pode ser encontrada nos mais variados lugares. Cada vez mais acessíveis, as informações sobre um determinado tema emanam das mais diversas origens, entre elas: noticiários de rádio e de televisão, filmes, documentários, anedotários, linguagem e oralidade, entre outras. Logo, esses testemunhos de dados, nos quais a escrita pode ou não ser complementada, são nutridos, pelo menos, pela imagem e pelo som (Samara; Tupy, 2010, p. 67).

A partir do supracitado, alcançamos a possibilidade de fazer pesquisa e interação com o riquíssimo acervo do produtor, cineasta e, porque não acrescentar, “narrador da História de Caxias do Sul”, Nazareno Michelin, visto que, ao lado de redatores, sonoplastas e iluminadores, ele registrou, desde os anos 1950, em suas filmadoras e filmes, momentos da cidade que mais tarde ganharia a alcunha de “município da fé e do trabalho”, e que agora, postumamente, seu material produzido faz com que seja possível enxergar os caminhos trilhados por uma população. Caminhos que trazem à tona a justificativa da ânsia pela promoção do trabalho e da religião, mas, ao mesmo tempo, caminhos paralelos que levam à cultura, ao lazer e às celebrações.

Jornal na Tela – Sul em Foco n. 107

O filme-reportagem “Jornal na Tela – Sul em Foco n. 107”, da produtora Michelin Filmes, hoje preservado e digitalizado pelo IMHC da UCS, à primeira vista direciona seu espectador a um compilado de dez minutos de diversas notícias narradas, com certa brevidade, de uma sequência de eventos, repletos de personalidades e de personagens, ocorridos na cidade de Caxias do Sul (RS). Mas as imagens gravadas e a narração quase imparcial, dotada de cunho e tom jornalísticos, oferece uma análise profunda e contextualizada sobre as questões do Estado mais ao sul do Brasil no início dos anos 1970. Com um formato que flerta com o jornalismo investigativo e com o que conhecemos na contemporaneidade como programa de variedades, que ganham as páginas da internet ou a programação da tarde na TV aberta, o criador do filme explora temas relevantes que impactam diretamente a população local nos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais.

Por meio de uma abordagem dinâmica, o vídeo reúne imagens da população caxiense, de celebridades e de autoridades, criando uma narrativa completa sobre os eventos ali datados e as oportunidades que surgem na região da Serra Gaúcha em poder ser parte de determinados eventos sociais grandiosos. A utilização de diferentes fontes, informações, ângulos e o cuidado com a precisão dos dados e com a nomeação de cada um dos envolvidos tornam a obra, quando admirada nos dias de hoje, uma fonte confiável de conhecimento histórico, promovendo uma reflexão sobre o futuro da cidade ali retratada.

A montagem da produtora de Michelin, ao longo de sua extensão, destaca questões como o impacto de políticas públicas na vida dos cidadãos, as transformações econômicas e as particularidades culturais que definem e ainda irão definir a identidade da região. Ao fazer isso, a obra não apenas informa, mas também provoca o interlocutor a pensar

criticamente sobre o papel de Caxias do Sul no cenário nacional. O trabalho de Nazareno Michelin se destaca pela objetividade, mas também pela sensibilidade ao retratar as realidades locais e suas implicações.

Ali, estão em destaque as grandes comemorações do Dia do Trabalho em Caxias do Sul, celebrando, sim, o trabalho, mas também a cultura e a comunidade. No dia 1º de maio de 1971, Caxias do Sul foi palco de um primoroso desfile que celebrou a importante data em homenagem aos trabalhadores e às suas contribuições para a sociedade. A cidade recebeu diversas apresentações culturais, assim como solenidades oficiais que uniram legisladores, artistas e a população local em um evento repleto de simbolismos. Estavam presentes naquele dia: o Governador Euclides Triches, o Ministro do Trabalho e da Previdência, Júlio Barata, o General Breno Borges Fortes, o Ministro das Comunicações, Hygino Corsetti, Prefeito Victorio Trez e o Bispo Diocesano, Dom Benedito Zorzi, que, em uma missa campal, evocou a proteção de Deus para aquele espetáculo em honra ao trabalho.

A Banda Marcial do Colégio Estadual Cristóvão Mendoza representou mais de 3.000 estudantes em uma performance marcante; aplaudida pelas autoridades e pelo público presente, o grupo de alunos fez uma homenagem à classe trabalhadora e à cidade, marcando a importância da educação e da juventude. Em seguida, houve o registro de outro destaque do mesmo desfile: a apresentação da Banda Marcial do Colégio Nossa Senhora do Carmo, que também encantou os espectadores, e assim ainda mais salvas de palmas puderam ser vistas e ouvidas por quem a assistia. Durante o evento, uma das atrações mais esperadas foi a presença da Banda dos Fuzileiros Navais. A comemoração contou ainda com um momento de confraternização entre trabalhadores e dirigentes de empresas, no salão paroquial do bairro São Pelegrino, o que fez do ambiente que era parte da igreja um

local para encontro e celebração dos homenageados. E a festa continuava...

No Estádio Alfredo Jaconi, do Esporte Clube Juventude, prosseguiram os eventos: os músicos Teixeirinha e Mary Teresinha, o ator e comediante Grande Otelo, o ator e diretor Cláudio Cavalcanti, e o cantor Jair Rodrigues, que fez a volta olímpica no gramado no campo de futebol, e, enquanto cantava no palco, ganhou a companhia e foi ladeado por militares e pelas demais autoridades já citadas.



Imagen 1: O cantor Jair Rodrigues, o governador do Estado, o prefeito de Caxias do Sul e militares, cena do filme.

A jornada de comemorações incluiu discursos e a leitura de mensagens do Ministro do Trabalho e Previdência Social. Faz-se importante ressaltar que tudo estava sendo registrado e transmitido via Embratel para todo o Brasil.

Das autoridades presentes, mostradas pelas lentes de Michelin, o Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Coronel Euclides Triches, e o Ministro dos Transportes, Coronel Mário Andreazza, foram honrados durante mais uma das cerimônias. Um dos momentos que podemos perceber

mais comoção dos envolvidos foi durante a entrega do Troféu Imigrante, que reconheceu os dois políticos naturais de Caxias do Sul como personalidades do ano 1970, destacando suas contribuições para o desenvolvimento do Estado e do País.

Além das homenagens e das apresentações culturais, o Jornal na Tela apresentou cenas do concurso de beleza que elegeu a Miss Caxias do Sul 1971, que na sequência concorreria ao Miss Rio Grande do Sul, com a participação de candidatas de diversas entidades recreativas e clubes esportivos. O concurso, marcado pela elegância e simpatia das participantes, também destacou o charme, a inteligência e a cultura da mulher caxiense.

As festividades resgatadas em formato audiovisual também marcaram o fenômeno do crescimento da cidade com a entrega de obras importantes, entre elas o melhoramento da infraestrutura no bairro São Pelegrino, que recebeu um novo impulso com a instalação de um sistema de tráfego mais eficiente. Podemos ver o então pároco, Padre Eugênio Giordani, desfazendo o laço da faixa, ato que simboliza a entrega da obra.



Imagen 2: Entrega da obra da rótula de São Pelegrino por Padre Giordani, cena do filme.



Imagens 3 e 4: Largo de São Pelegrino com escultura representando o padre Eugênio Giordani.

Foto: Luana Cristina Muller de Loreto (2024).

Erguida no largo da rótula onde a faixa cortada pelo pároco simbolizou a inauguração da obra, hoje há no local uma estátua do padre Eugênio Giordani, esculpida por Bruno Segalla. Além de artista plástico, o caxiense também foi político e metalúrgico.

Caxias do Sul, em sua essência, uniu trabalho, cultura, política, religiosidade e lazer em uma série de comemorações memoráveis, comovendo a população e os participantes em destaque, o tema em sua natureza foi do Dia do Trabalho, ou melhor, o Dia do Trabalhador, celebrando as conquistas e os desafios da classe com muito entusiasmo e respeito.

Já se encaminhando para o fim da produção, a cidade foi diagnosticada como “Capital Gaúcha do Trabalho”, justamente quando uma metalúrgica e sua produção de motores foi visitada pelo vice-presidente da República, Augusto Hamann Rademaker, que recebeu a medalha comemorativa aos 75 anos de Fundação da Metalúrgica Abramo Eberle.



Imagen 5: Vice-presidente da República recebe a medalha em comemoração aos 75 anos da Metalúrgica Eberle pelas mãos de Júlio Eberle, cena do filme.



Anverso

Reverso

Imagen 6: Foto da medalha, cunhada também pelo artista plástico caxiense Bruno Segalla. Fonte: Alessandra Baldissarelli Bremm (2015). Disponível em: Duarte (2017).

Registro e preservação da cultura

Todas as cenas aqui consideradas e a narração do vídeo reforçaram o significado do trabalho e a luta pelos direitos dos trabalhadores no Brasil em forma de celebração, festa, cerimônia religiosa, culto à beleza, música, desfiles, refeições compartilhadas, inaugurações, dança e discursos políticos.

Os materiais visuais, como o Jornal na Tela e outras produções de Michelin, carregam uma importante função de registro e de preservação cultural, sendo significativas para capturar a essência de pessoas, lugares, objetos e práticas de diferentes épocas. Eles não apenas servem como ferramenta de documentação histórica, mas também como meio de ensino e de enriquecimento da comunicação humana. É de lei para o pesquisador instigar a exploração dessa ideia ao enfatizar que entender a linguagem visual exige um olhar abrangente sobre as intenções, funções e contextos que motivam a criação desses materiais. A análise do visual deve considerar o espírito de cada meio, seu propósito, seu público-alvo e sua trajetória histórica, pois esses aspectos moldam como essas produções atendem às necessidades sociais de cada

época. São passos fundamentais para decifrar o papel que a linguagem visual desempenha na comunicação humana.

O historiador Peter Burke (2004) rememora uma citação do pintor norte-americano George Caleb Bingham (1811-1879), que se encaixa muito bem por estarmos debatendo sobre um vídeo que, agora resgatado e restaurado, se torna mais uma incrível fonte histórica, garantindo sua função social, já que uma obra tão relevante pode “[...] assegurar [...] que nossas características sociais e políticas exibidas diária e anualmente não serão perdidas no lapso do tempo por falta de um registro de arte que lhes faça inteira justiça” (Bingham *apud* Burke, 2004, p. 127).

Em síntese, o vídeo “Jornal na Tela – Sul em Foco n. 107”, dirigido por Nazareno Michelin, é um valioso documento histórico que capturou a essência de Caxias do Sul, revelando a importância do trabalho, da cultura e das celebrações para a comunidade local. Através das lentes de Michelin, somos convidados a reviver momentos de grande significado social e político, precisamente com comemorações que exaltam o esforço coletivo e a devoção ao trabalho, mas que também mostram o valor da cultura, do lazer e da convivência comunitária. A produção não apenas documenta uma série de solenidades marcantes, mas também faz um convite à reflexão sobre a identidade caxiense e sua construção ao longo do tempo. Tal como as palavras de George Caleb Bingham, mencionadas por Peter Burke, a narrativa visual de Michelin assegura que os traços sociais, políticos e culturais de uma época sejam preservados para as gerações futuras.

O vídeo representa um testemunho vibrante de uma cidade que, até este tempo, pode ser referida, com razão e com propriedade, como município da Fé e do Trabalho, mas também da Cultura, do Lazer e das Celebrações.

Referências

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauru, SP: Edusc, 2004.

DUARTE, Mariana. “**A uva e a engrenagem de bronze**”: uma leitura da arte numismática de Bruno Segalla. 2017. Tese (Doutorado em Letras UCS/Associação Ampla UniRitter) – Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, 2017.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & Documento e metodologia de pesquisa.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOBRE OS AUTORES

ANTHONY BEUX TESSARI (organizador): Graduado em História pela UCS e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, cursa o Doutorado em História na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tem experiência profissional em instituições de preservação do patrimônio cultural. Foi presidente (2022) do Conselho Municipal do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural (Compahc) de Caxias do Sul, exercendo representação pela UCS. Integra a diretoria (2024-2027) do Comitê Brasileiro para Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH-Brasil) na qualidade de primeiro-secretário. É professor na Área do Conhecimento de Humanidades da Universidade de Caxias do Sul e diretor do Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da UCS desde 2015. Coordenador do projeto cultural “Cidade e Indústria em Foco: preservação e acesso ao acervo audiovisual da Michelin Filmes”. Contato: anthony.tessari@ucs.br.

ANA PAULA DE ALMEIDA: Graduada e mestre em História pela UCS. Atualmente, cursa o doutorado em História na UCS. É especialista em Gestão de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É diretora da empresa Arquivos & Acervos desde 2009, sendo responsável pela gestão e pela manutenção dos seguintes espaços: Espaço Memória Marcopolo, Memorial Randon e Centro Histórico Soprano.

Diretora de Patrimônio e Memória do Instituto Bruno Segalla. Idealizadora do Mapa Interativo – Na Trilha do Patrimônio Industrial de Caxias do Sul. Contato: arquivoseacervos@hotmai.com.

DANIELA PISTORELLO: Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Maria (1998) e mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000), realizou doutorado-sanduíche na Universidade Politécnica da Catalunha (Espanha), obtendo o título de doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (2015). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 2016-2018. Pesquisadora na área de Patrimônio Cultural com ênfase em patrimônio industrial, mundos do trabalho, itinerários culturais e turismo, cultura visual, paisagem cultural e ensino de História. Professora colaboradora da Olimpíada Nacional em História do Brasil. Bolsista PNPD/CAPES do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Integra os grupos de pesquisa Territórios, Culturas e práticas sociais (UNESC) e Cidade, Cultura e Diferença (UNIVILLE). Professora do curso de Licenciatura em História da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e editora-chefe da Revista Desenvolvimento Socioeconômico em Debate (RDS), revista interdisciplinar de circulação semestral do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da UNESC. Contato: danipistorello@hotmail.com.

GEOVANA ERLO: Graduada em História pela UCS. Mestre em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS). Membro da diretoria

do Comitê Brasileiro para Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH-Brasil) entre 2024 e 2027, e da Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia. Atua como professora de História na rede pública de educação básica do Estado do Rio Grande do Sul, além de ser professora supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da UCS (PIBID-UCS). Também é educadora para o patrimônio cultural do Museu de Território de Galópolis, coordenadora-geral do Ponto de Memória Inventário Participativo de Galópolis e conselheira fiscal da Associação dos Amigos da Memória e do Patrimônio Cultural de Caxias do Sul (MOUSAI), entidade que representa no Conselho de Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul (Compahc). Contato: geovanaerlo@gmail.com.

MARIANA DUARTE: Graduada em História, mestre em Letras, Cultura e Regionalidade e doutora em Letras pela UCS, com período sanduíche cursado na Benemérita Universidad Autonoma de Puebla (México). Autora dos livros “Enxadas de açúcar: Economia e formação social na ficção de José Lins do Rego” (Editora Appris, 2015) e “Dossiê de Percurso: Instituto Bruno Segalla” (Editora Dublinense, 2017). Compõe a diretoria do Instituto Bruno Segalla desde 2013, inicialmente como Diretora de Patrimônio, após como Presidente (gestão 2017-2019) e Vice-Presidente da instituição. Contato: mariana.duarte01@gmail.com.

SILVANA BOONE: Doutora em História, Teoria e Crítica pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013). Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Especialista em Artes Visuais pela Universidade de Caxias do Sul (1993).

Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística pela Universidade de Caxias do Sul (1990). Professora e pesquisadora na UCS desde 1995. Atuou como coordenadora de curso no Bacharelado em Tecnologias Digitais (2005 a 2009) e coordena os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, desde 2017. Principais atuações no ensino da História da Arte e Arte Contemporânea com projetos de pesquisa em curadoria e crítica da arte, tendo realizado mais de setenta curadorias de arte desde 2006. Recebeu o 17º Mérito Empreendedora da Câmara de Indústria e Comercio de Caxias do Sul, em 2020, o Mérito Educação – Medalha Dom Benedito Zorzi da UCS em 2022 e a distinção em Educação nos 132 anos de Caxias do Sul pela Prefeitura Municipal, em 2022. Contato: sboone@ucs.br.

REGISTROS



Acesse a página do projeto e
assista os filmes digitalizados.

<https://sites.google.com/view/cidade-industria>



Nazareno José Michelin no estúdio da produtora.

Fotógrafo: Leite Data: 13/9/1985



Nazareno José Michelin e o assistente Moacir Perini (em pé).

Fotógrafo: Leite Data: 13/9/1985



Listagem de filmes digitalizados no Projeto Cidade e Indústria em foco

História da Michelin Filmes: primeiras produções realizadas

Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Panoramas de Caxias do Sul, Cine Produções Caxiense	c. 1955	4'57	16mm	p&b	s/áudio
Filmagens experimentais da cidade de Caxias do Sul	c. 1955	2'41	16mm	p&b	s/áudio
Imagens familiares de Nazareno Michelin	c. 1955	2'30	16mm	p&b	s/áudio
Neve em Caxias do Sul	1965	2'48	16mm	p&b	s/áudio
Jogo de futebol Flamengo (Caxias) x Grêmio	1955	3'30	16mm	p&b	s/áudio
Clube Balneário Palermo	c. 1955	2'05	16mm	p&b	s/áudio
Monumento Nacional ao Imigrante	c. 1955	0'25	16mm	p&b	s/áudio
Apresentação de paraquedista no Aeroclube	c. 1955	0'19	16mm	p&b	s/áudio
Centro de Caxias do Sul	c. 1955	0'36	16mm	p&b	s/áudio
Centro de Caxias do Sul	c. 1955	0'45	16mm	p&b	s/áudio
Ruas da cidade, pedestres	c. 1955	1'33	16mm	p&b	s/áudio
Rua da cidade, pedestres	c. 1955	0'10	16mm	p&b	s/áudio

Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Cenas rurais e almoço em família	c. 1955	3'56	16mm	p&b	s/áudio
Família de Nazareno Michelin no Real Hotel	c. 1955	0'57	16mm	p&b	s/áudio
Passeio familiar	c. 1955	1'42	16mm	p&b	s/áudio
Real Hotel	c. 1955	0'56	16mm	p&b	s/áudio
Almoço no Real Hotel	c. 1955	1'06	16mm	p&b	s/áudio
Acidente de veículo	c. 1955	1'18	16mm	p&b	s/áudio
Passeio em Porto Alegre, centro histórico e aeroporto	c. 1955	0'44	16mm	p&b	s/áudio
Flores	c. 1955	0'47	16mm	p&b	s/áudio













Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Festa da Uva	1965	28'48	16mm	p&b	s/áudio
Festa da Uva	1969	13'25	35mm	color.	sonoro
Inauguração do Escritório Central da Festa da Uva	1969	3'54	16mm	p&b	s/áudio
Festa da Uva	1972	14'05	16mm	color.	sonoro
Construção dos Pavilhões da Festa da Uva	1975	9'39	35mm	color.	s/áudio
Festa da Uva	1978	12'00	16mm	color.	sonoro
Construção da Réplica de Caxias em 1885	1978	10'35	35mm	color.	sonoro

















em seguida o carro que conduz
a rainha e suas princesas.



Rainha e princesas, usando trajes típicos
de vindimadeiras,















Cidade de Caxias

Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
1ª Exposição Agroindustrial de Caxias do Sul	1963	9'53	35mm	p&b	s/áudio
Prefeitura Municipal de Caxias do Sul Assistência Social e Ensino	1967	24'12	16mm	p&b	s/áudio
Obras da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul - 1968	1968	32'35	16mm'	p&b	s/áudio
Jornal na Tela Sul em Foco	1971	10'10	35mm	color.	sonoro
Conheça a Cidade	1972	12'19	35mm	color.	sonoro
Caxias do Século II	1975	9'18	16mm	color.	sonoro

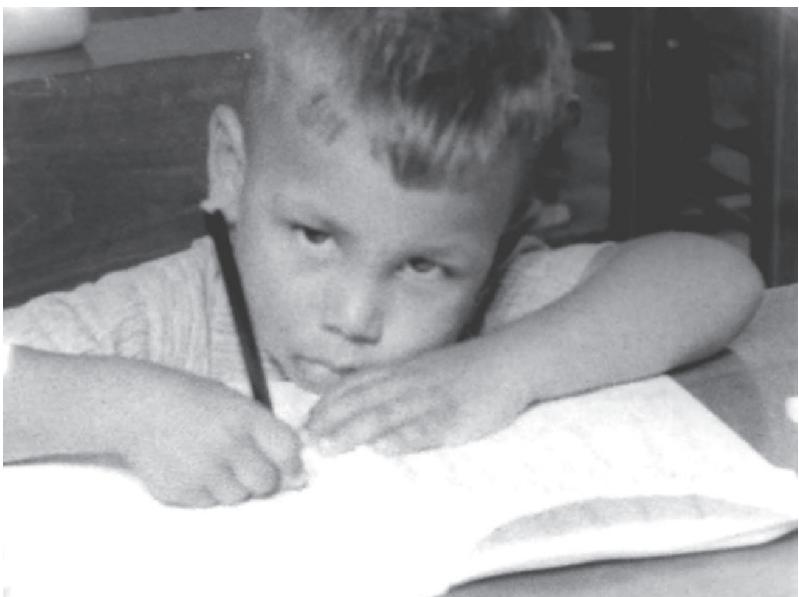














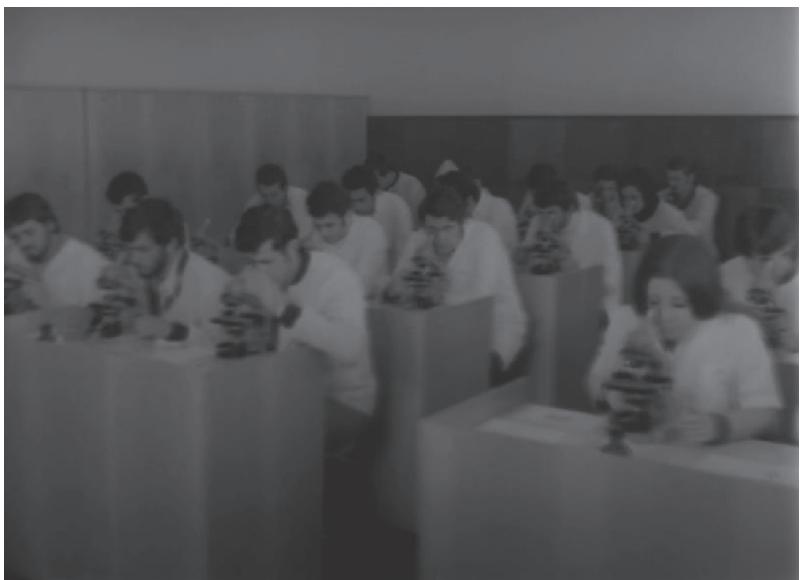


Universidade de Caxias do Sul – UCS

Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Instalação da UCS (trecho do filme "Assistência Social e Ensino" de 1968)	1967	1'35	16mm	color.	s áudio
Aulas na UCS e visita do Ministro da Educação - 1970	1970	5'27	35mm	p&b	sonoro
Comercial da UCS para TV	1971/72	0'45	16mm	p&b	sonoro
Inauguração do Centro de Tecnologia e Pesquisa da UCS (trecho do Jornal Na Tela - Sul em Foco n. 116)	1976	1'08	35mm	color.	sonoro







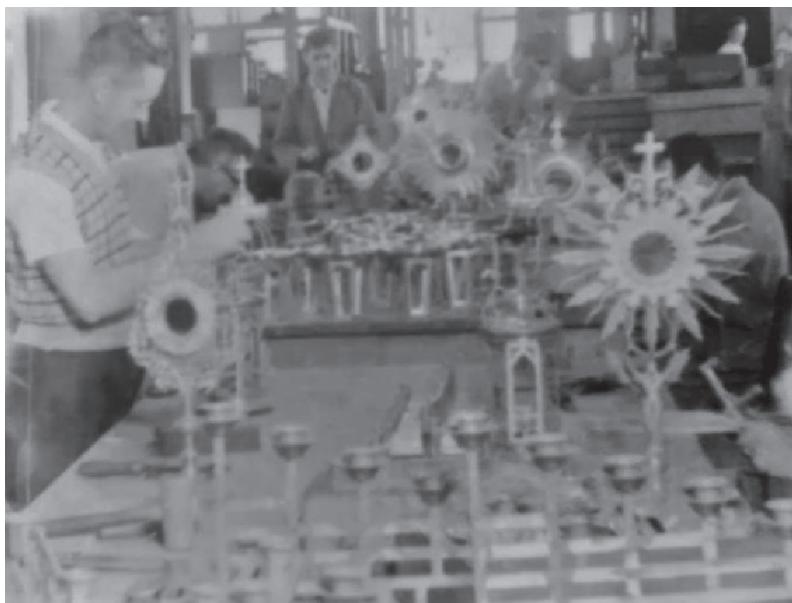


Metalúrgica Abramo Eberle

Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Metalúrgica Abramo Eberle Fábrica 1	1963/64	9'45	16mm	p&b	s/áudio
Metalúrgica Abramo Eberle Fábrica 3	1969	26'28	16mm	p&b	sonoro
50 Anos de trabalho de Américo Garbin na Metalúrgica Abramo Eberle	1972	14'00	16mm	p&b	s/áudio
50 Anos de trabalho de Honorio Marotto na Metalúrgica Abramo Eberle	1973	4'47	16mm	p&b	s/áudio
50 Anos de trabalho de Henrique Maggi na Metalúrgica Abramo Eberle	1974	10'02	16mm	p&b	s/áudio







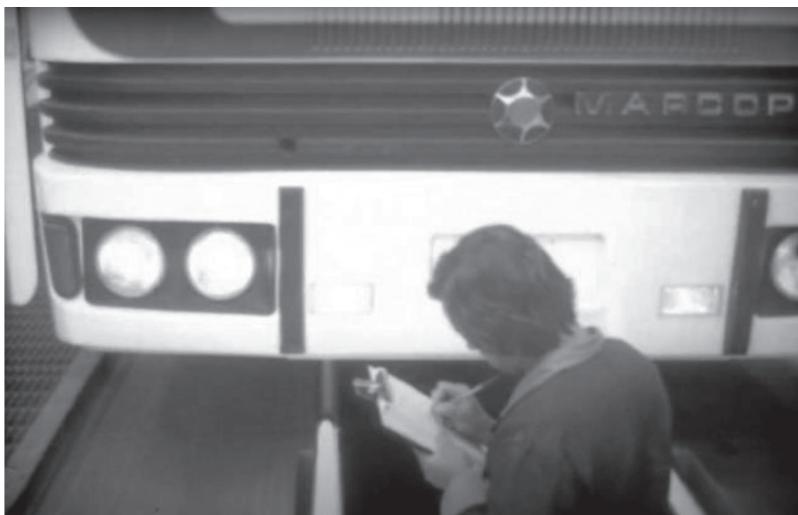




Marcopolo

Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Marcopolo - Construindo o Progresso	1979	10'16	35mm	color.	sonoro
Marcopolo - O Ônibus Brasileiro	1981	25'49	35mm	color.	sonoro

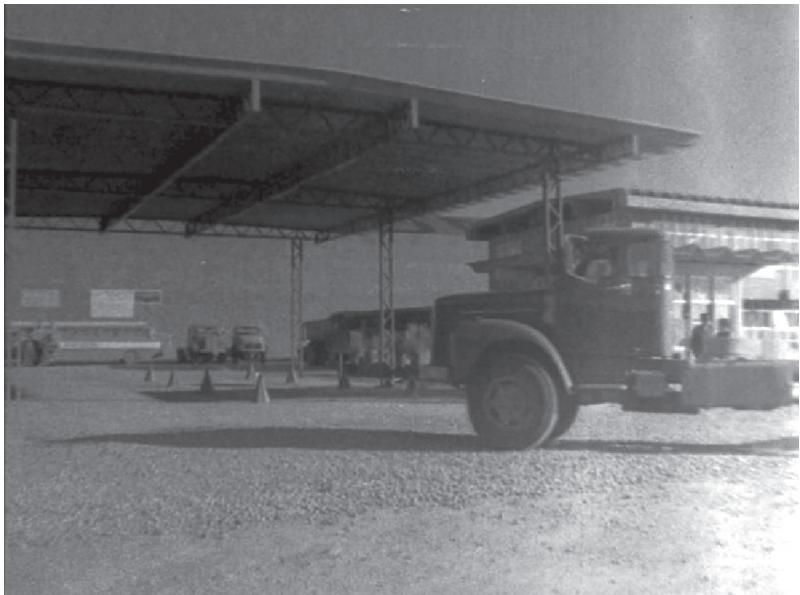






Randon

Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Isto é Randon	s/data	21'03	35mm	color.	sonoro
Randon - Reboque Carga Seca	s/data	7'18	35mm	color.	sonoro







Indústria automotiva

Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Caxias Sobre Rodas 1ª Edição	1979	7'01	35mm	color.	sonoro
Caxias Sobre Rodas 2ª Edição	1981	9'42	35mm	color.	sonoro
Wisintainer S/A Comércio de Automóveis – Revendedora Volkswagen de Caxias do Sul	s/data	16'41	16mm	p&b	s/áudio





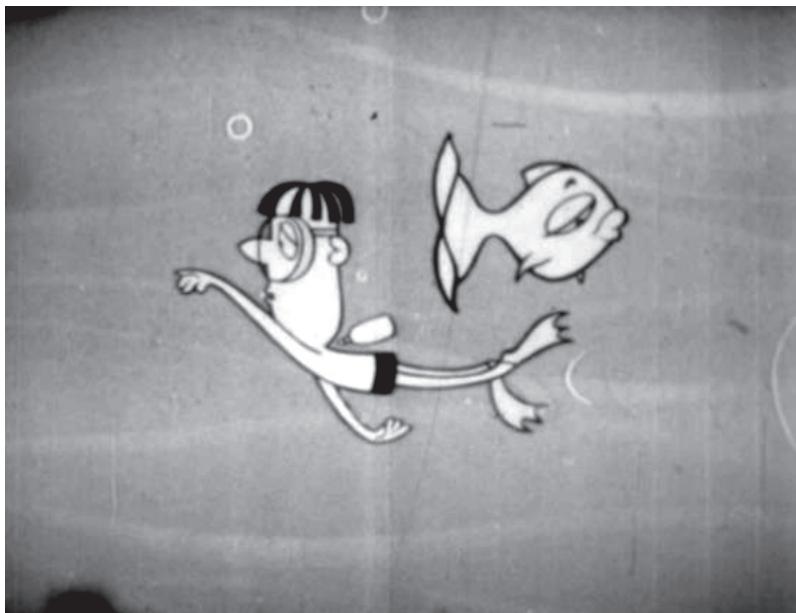






Comerciais para televisão

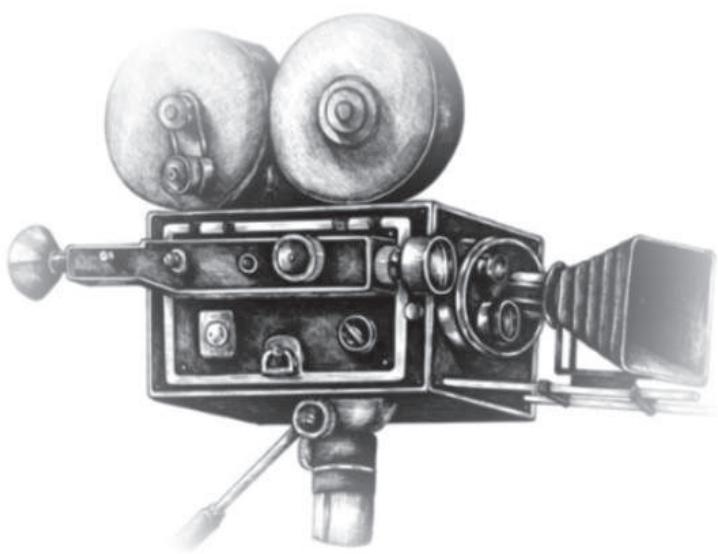
Título	Data	Tempo	Bitola	Cor	Som
Cerveja Pérola - comercial para TV	s/data	0'32	16mm	p&b	Sonoro
Sapataria Estrela - comercial para TV	s/data	0'26	16mm	p&b	s/áudio
Comercial da Festa da Uva	1978	0'32	35mm	color.	sonoro

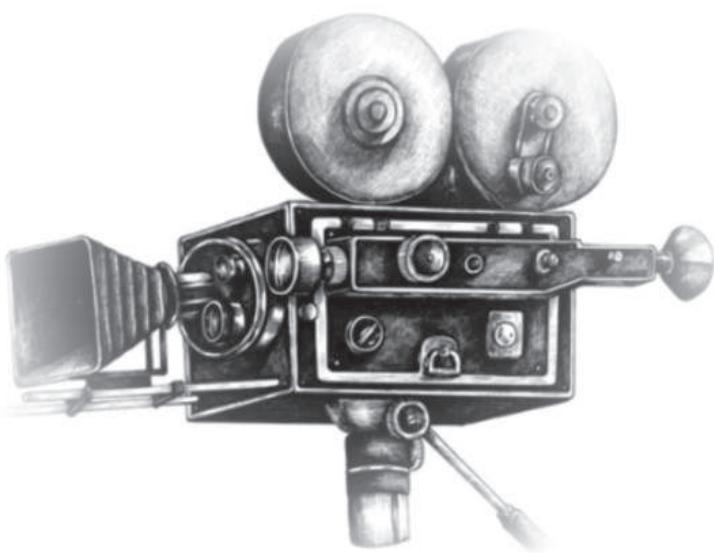






FIM





A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos



-  **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
-  **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
-  **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
-  **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
-  **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
-  **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
-  **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
-  **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
-  **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
-  **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

O projeto *Cidade e Indústria em Foco: preservação e acesso ao acervo audiovisual da Michelin Filmes*, teve como objetivo principal a digitalização e a difusão do acervo fílmico da antiga produtora caxiense Michelin Filmes, atuante a partir da década de 1950, em Caxias do Sul (RS). Esse é um dos acervos fílmicos históricos mais significativos sobre a região da Serra Gaúcha, um dos mais ricos em diversidade de assuntos, de suportes e de equipamentos de época, e um dos mais bem conservados do estado do Rio Grande do Sul.

Além da digitalização dos filmes, o projeto também se propôs à publicação deste livro, trazendo olhares de pesquisadores sobre a história da cidade e seu significativo patrimônio industrial. As produções retratam fábricas, monumentos, lugares e acontecimentos políticos e sociais em documentários, filmes-reportagem e filmes-propaganda. Entre os assuntos, destacam-se: Festas da Uva, inaugurações públicas, passeios turísticos e o trabalho na indústria.

Os textos que compõem a obra têm a intenção de discutir as possibilidades e potencialidades dos filmes para o estudo da História e do Cinema.

PRODUÇÃO:



INSTITUTO MEMÓRIA
HISTÓRICA E CULTURAL



REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



ISBN 978-65-5807-433-5

